

www.autoresespiritasclassicos.com

Allan Kardec

Viagem Espírita em 1862



Conteúdo resumido

Esta obra é o relato da viagem realizada pelo Codificador no ano de 1862, que o levou a mais de vinte cidades, nas quais presidiu aproximadamente 50 reuniões.

Para Kardec essa viagem teve a finalidade de avaliar a situação em que se encontrava a Doutrina Espírita e levar ao conhecimento geral as orientações necessárias aos organizadores dos diferentes Centros.

Nos três discursos pronunciados por Kardec, em Lyon e Bordeaux, foram feitas valiosas considerações sobre a conduta dos espíritas, as atividades dos grupos e importantes temas que envolvem os adeptos.

O Codificador oferece, também, instruções particulares aos grupos em resposta a diversas questões propostas e, por fim, um Projeto de Regulamento para o uso de grupos e pequenas Sociedades Espíritas.

Sumário

» Prefácio.....	4
» Impressões Gerais	16
» Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux.	
Discurso I	33
Discurso II	47
Discurso III.....	54
» Instruções particulares dadas aos Grupos, em resposta a algumas das questões propostas.	72
» Projeto de Regulamento para o uso de Grupos e pequenas Sociedades Espíritas	96

Prefácio

Não obstante quanto de bom, respeitável e digno já se tenha escrito, a “História do Espiritismo” dorme ainda no teclado de um autor desconhecido.

No decurso dos últimos cinqüenta anos houve a brava tentativa de Sir Arthur Conan Doyle, na qual, todavia, o trabalho gigantesco de Kardec, por contraste, é quase impalpável, diluído, e apenas se insinua entre as páginas bem elaboradas, nas quais constata-se que o grande escritor absorveu, cronologicamente, todo o essencial a partir de 1848, mas que, geograficamente, não foi capaz de ir além do que um inglês, limitado pelas fronteiras de sua língua, pôde alcançar. Em verdade, ao invés de ser uma História do Espiritismo, diríamos que a obra de Doyle faz parte dessa “História”, exatamente pela admirável confissão e a inflexível segurança com que esse homem, famoso pela sutileza do raciocínio científico, apôs sobre ela o seu nome celebrizado.

Mas essa “História”, em contexto integral, haverá de ser escrita e nela nos impressionaremos com o capítulo dos que se dispuseram a sair pelo mundo, a enfrentar a enigmática substância das platéias, para transmitir a doutrina dos Espíritos, ainda que ao preço de danos morais e físicos. A esse capítulo se intitulará, talvez, os “Atos dos Espíritas”, parafraseando, por um simples impulso de descobrir o futuro no passado, os “Atos dos Apóstolos”.

Doyle menciona o curioso fenômeno da oratória em transe que, em azado momento, fez um arrepio de perplexidade eriçar as platéias anglo-saxônicas. Jovenzinhas em flor, tais Cora Poldge, Emma Britten, Nettie Colburn adormeciam em face de ávidas assistências e só vinham a despertar, ruborizadas e confusas, depois que os aplausos espoucavam. Havia feito revolucionárias abordagens de temas filosóficos, teológicos ou científicos que, ao lhes serem mencionados, faziam-nas quase perder o fôlego em seus rigorosos espartilhos. Em contrapartida, certamente porque o mundo spiritual leva em conta, até onde não podemos imaginar, certos condicionamentos de caráter

psicológico e social, essa ocorrência não tem nenhuma significação mais profunda no ambiente kardecista, e é o próprio Codificador, lúcido e desperto, que se encarrega de iniciar a divulgação das verdades espíritas através das tribunas. Em seguida a ele, em perfeita coordenação, surgirá Léon Denis.

Em um como em outro, e tal como sucede ainda em nossos dias, a preocupação se converge para uma ética que, em sendo, até certo ponto, patrimônio das mais antigas culturas, era, praticamente, apenas “letra que mata”; agora vai ser “espírito que vivifica”, subversiva no sentido de arremeter do exterior para o interior, da teoria para a ação. Seu caráter renovador torna-a evangelicamente desmistificada e autenticamente apostolar, o que nos leva a estabelecer a comparação com o livro dos “Atos”, essa crônica de viagem, durante a qual os inúmeros personagens têm, o tempo todo, os lábios entreabertos, como que preparados para traduzir em palavras o pensamento da Boa Nova, em especulações sobre ações passadas e presentes, que se acumulam em seus espíritos com a força do rio comprimido contra as paredes de uma barragem.

Esta *Viagem Espírita em 1862* é qualquer coisa de semelhante e assim Allan Kardec nela se comporta.

Entretanto tudo começa, não exatamente em 1862, como o título sugere, mas, dois anos antes. O Novo “Atos” se inicia nos derradeiros dias do outono de 1860.

*

O Livro dos Espíritos e *O Livro dos Médiuns* tinham-se constituído, desde os seus lançamentos, em êxitos de livraria e o seu autor se fez, de imediato, notado. Dilacerada por uma acabrunhante tristeza, a humanidade disputava pensamentos capazes de oferecer uma nova e veraz interpretação para tudo quanto pudesse ser julgado de real importância. As religiões apresentavam os sinais de uma incurável senilidade e deixavam de ser o “freio” esterilizante; mas a ética que tresandava do ensino comunicado pelos Espíritos Superiores podia ser considerada não como “uma religião”, mas a própria “Religião”, surgindo de uma tenebrosa noite sufocada pelo fumo acre que

tresandava a carne humana assada nas fogueiras. O seu símbolo não era o “freio”, porém a “chave”, e nisso estava implícito ao mesmo tempo uma esperança e uma ameaça. Havia algo de esgotante e doentio naquele decisivo século XIX, em que o homem alcançara o superlativo de uma técnica elaborada em um suceder inimaginável de gerações: a de amar tão bem, amando tão pouco.

Allan Kardec, com seu olhar acobreado e fosforescente, não apreciava ver-se colocado na galeria marcial dos filósofos e enfrentava os louvores que lhe tributavam como algo de perigoso e inquietante. Era taciturno, e a única coisa que parecia interessá-lo – ele haveria de ser sempre um pedagogo! – era um processo de educação ao qual se engajara com tanta paixão quanto dantes o fizera em relação ao de Pestalozzi. Consistia em varrer do homem e das instituições sociais um fator tão simples quanto terrível: o *egoísmo*, substituindo-o por outro igualmente tão simples que faria muita gente, durante anos de insensatez, rir-se à socapa: a *caridade*. Em seu sentido global essas duas categorias breves guardam em si toda a complexidade da dor e da alegria humana, da mais negra miséria e da mais estuante felicidade. A negação de um e a afirmação da outra eram a garantia do Reino prometido e, por isso, o professor sentia-se impelido a escrever milhares de palavras, a deixar após si livros capazes de, nas coordenadas mesmas dos Evangelhos do Cristo, enfrentar os séculos. Em conjunto esse trabalho deveria contar com um fator decisivo para sua definitiva conclusão: o *tempo*. E os ponteiros do relógio, como dedos acusadores, muitas vezes apontavam em riste para o professor. Por esse motivo suas viagens de propaganda se reduziram a menos de meia dúzia. Não podia comprometer a feitura da obra, toda ela dependente de introspecção, toda ela educação, recursos do intelecto para lutar contra as intimações do coração violento.

Como sucedeu à maioria dos grandes reformadores, uma parte de seus contemporâneos soube ver nele as qualidades exigidas ao predestinado. E um desses homens foi o Sr. Guillaume, residente em Lyon. Guillaume guarda a honra histórica de ter motivado a primeira viagem de propaganda do

Espiritismo kardecista. Cartearam-se a respeito em agosto de 1860. Kardec partiu sozinho, deixando para trás uma Paris envolta nas brumas de mortício outono.

Pode-se imaginar como voltou a pisar o solo de sua cidade natal. Nas vésperas da partida, exprimindo sua surpresa pelo desenvolvimento do Espiritismo na terra em que vira a luz, ouviu de uma entidade comunicante o comentário seguinte: “Por que te espantas? Lyon é a cidade dos mártires. A fé ali ainda é viva! Ela dará apóstolos ao Espiritismo. Se Paris é a cabeça, Lyon é o coração!”

Cem anos depois, escrevendo sua admirável obra, *Ave Cristo*, o Espírito Emmanuel, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, ofereceria ao mundo, por um enfoque que só os arquivos da espiritualidade superior permitiriam, a crônica dos heróis do Cristianismo nascente e que fizeram de Lyon a “cidade dos mártires”.

Cortada em duas pela fita nebulosa do Rhône, Kardec deve ter percebido que a cidade de sua infância já não existia mais. Quarenta anos se tinham passado e da casa da Rua Sala nº 76, onde nascera, nem um único vestígio podia ser encontrado. Fora posta abaixo logo em seguida às inundações de 1840. O mesmo destino sofreram o estabelecimento de águas minerais de Frédérico Syriaque Dittmar e a residência de François Targe, os dois amigos de seu pai que tinham firmado, no Tribunal, a certidão de nascimento do menino Hippolyte. Por outro lado as escassas notas históricas não informam se o velho juiz Rivail ou a dama Jeanne Duhamel, seus pais, ainda viviam. Allan Kardec é sempre extremamente econômico acerca de Hippolyte Léon Denizard Rivail, de sorte que a biografia do segundo se dilui na obra do primeiro, um alicerce tenaz e insólito, mas fatalmente oculto e despercebido. Como Saulo possuído de vertiginosa incerteza e que se transforma em Paulo pela decisão de agir!

A caminho detivera-se em Sens, Mâcon e Saint-Etienne. É ainda o presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris. Sua renúncia ao cargo fora, pouco antes, negada e Kardec vira-se reeleito por quase unanimidade: um voto em contrário, um em branco.

*

Noite de 19 de setembro de 1860. Kardec é recebido no Centro Espírita de Broteaux, o único existente em Lyon. À porta esperam-no Dijou, operário, chefe de oficinas, e sua esposa.

Este é, na História, o primeiro encontro de dirigentes espíritas. Dijou encontra-se à testa do grupo lionês, Kardec desempenha as funções maiores na *Société* parisiense. A mão do emérito pensador aperta vigorosamente os dedos calosos e ásperos do companheiro, a quem chama “irmão”. No olhar grave que trocam vê-se que mutuamente se entendem: embora em planos diferentes, suas responsabilidades se equivalem.

Transpostos os portais, o coração de Kardec se rejubila. O “milagre” a que tantas vezes já fizera menção, sempre com arrebatamento e orgulho, o grande feito que compete à Doutrina Espírita realizar, consubstancia-se ali, ante seus olhos, e é um mentor espiritual, Erasto, em sublime epístola dirigida à comunidade lionesa, quem vai encontrar palavras para vestir a emoção do Codificador: “Não podeis imaginar quanto nos é doce e agradável presidir ao vosso banquete, onde o rico e o operário se abraçam, bebendo a fraternidade!”

Kardec dirige-se à tribuna singela e o Centro Espírita de Broteaux, pelo futuro em fora, será lembrado como o local da pira. Ali é aceso o fogo sagrado que empunharão, através dos séculos, todos aqueles que se compromissaram, mesmo ao preço de injúrias, suor e lágrimas, a divulgar as glórias do Espiritismo pela bênção da palavra.

Todavia a noite inesquecível transcende em significações.

A mulher, perfumada de amor e vestida de renúncia, vai ser a valiosa companheira do Espiritismo. Os dois cúmplices, de mãos dadas, descerão as escadas sombrias ou baterão, docemente, às portas das mansardas. Secarão lágrimas e reacenderão esperanças. Mais e melhor do que o homem, ela comporá a galeria torturada dos grandes médiuns que abalarão os negadores mais recalcitrantes. Tinha seguido os passos de Jesus e se mantivera solitária aos pés da cruz até que as roucas invocações subiram ao Gólgota quando as cortinas do templo se partiram.

Agora que o Consolador prometido se anunciava, pressurosa ela corria a ocupar o lugar de seu destino. Se ontem chamara-se Maria de Magdala, Marta, Maria ou Salomé, hoje chama-se Sra. Dijou. Por isso todo o encanto se prejudicaria se, naquela noite outonal de 1860, imprescindível presença, ela não tivesse descerrado a Allan Kardec as portas do Centro Espírita de Broteaux.

Todavia ali está a Sra. Dijou. Seu sorriso sem artifícios é como um maravilhoso diálogo, seu olhar resoluto é cheio de convicção. Pode-se imaginar que tenha descido da Croix-Rousse para os Terreaux, nos grupos tumultuosos de operários quando lhes faltou o trabalho. Agora, firmemente especada ao lado do marido, ela é a segunda potência nesse momento histórico. Qual é o seu prenome? Por que veio a partilhar essa situação da qual, em obediência ao *status* social vigente no tempo, apenas o homem deveria ser o ator visível?

Não se pode saber! A Sra. Dijou caminhou através dos anos e o tempo tudo ou quase tudo apagou. Ele tem, afinal, o poder de transformar em um enigma mesmo a mais simples dentre as mulheres do povo.

Kardec, entretanto, pressentiu que ela se tornaria em um monumento. E, por isso, bem ao seu modo, guardou-lhe, não os traços físicos, mas os traços morais. Do jantar amável que lhe foi oferecido pelo operariado de Lyon, transcreveu na sua *Revue* o pequeno discurso do Sr. Courtet, um negociante, no qual a Sra. Dijou se encontra de corpo inteiro.

“Senhores! Na qualidade de membro do grupo Espírita de Broteaux e em seu nome, venho vos propor um brinde em honra do Sr. e da Sra. Dijou.

Senhora! Cumpro um dever muito agradável, servindo de intérprete de toda a nossa sociedade, que vos agradece por tudo quanto fizestes em nosso favor! Quantas consolações haveis feito brotar entre nós! Quantas lágrimas de ternura e de alegria nos fizestes derramar! Vosso coração, tão bom e tão modesto, não se orgulhou com os vossos sucessos e, com isso, vossa caridade aumentou.

Bem sabemos, senhora, que apenas sois o intérprete dos Espíritos superiores, que a vós estão ligados, mas, também, com que devotamento realizais essa tarefa! Por vosso intermédio nos iniciamos a essas altas questões de moral e filosofia, cuja solução deve trazer o reino de Deus e, por consequência, a felicidade aos homens neste mundo.

Também vos agradecemos, senhora, a assistência que dais aos nossos doentes. Vossa fé e vosso zelo disso recebem a recompensa pela satisfação que experimentais em fazer o bem e aliviar o sofrimento. Nós vos pedimos a continuação dos vossos bons ofícios: ficai certa de toda a nossa gratidão e de nosso eterno reconhecimento.”

Na história do Espiritismo kardecista, essa mulher do povo, essa esposa e mãe de operários, é a primeira figura feminina que se projeta na linha de um horizonte difuso, no qual, entretanto, firmemente acendem-se as luzes das mais altas aspirações e expectativas jamais oferecidas ao gênero humano. A Sra. Dijou sobrepõe-se às personalidades torturadas, para além do suportável, às mulheres de sua classe, em seu tempo, e cerrando as portas do Centro Espírita de Broteaux, à saída de Allan Kardec, finda a sessão memorável, cerra também as portas do passado.

Em verdade todas as mulheres que hoje vivem e abençoam a “situação” e a “condição” de espíritas, devem-lhe gratidão, pois que a Sra. Dijou é um ser distinto, marcado com os sinais precisos e irrefutáveis de uma ação que lhe deve ter custado a ameaça de mil perigos invisíveis.

*

Essa primeira viagem de Kardec tem o dom de acender entusiasmos além do imaginável. Já agora o homem não pode deixar de pensar.

Uma imprensa teúda e manteúda por interesses bem conhecidos, também em Lyon acaba de se despertar. Mas em torno do casal Dijou e do Sr. Guillaume, o Espiritismo é feliz e espontâneo, arregimenta adeptos e estes se unem por uma teia de

fidelidade, de idéias sem hesitações. Nada e ninguém já poderá afastá-los.

Pela *Revue* Kardec escreverá estas impressões de viagem: “Eu bem sabia que em Lyon os adeptos eram em grande número, porém estava longe de suspeitar que fosse tão considerável, pois se contam por centenas e, em breve, espero, serão incontáveis”.

*

E foi para verificar se o seu prognóstico se tornara em realidade, que Kardec retorna à “cidade dos mártires” no ano seguinte, 1861. Como anteriormente, escolhe o outono para a excursão. O vento frio soluça entre os ramos que se enrijecem e as folhas cor-de-cobre pingam melancolicamente dos plátanos e castanheiros quando ele desce de novo em Mâcon e Sens para abraçar, depois de um ano, os companheiros espíritas. Exatamente a 19 de setembro encontra-se de novo entre os amigos lioneses. Mas agora, como predissera, os grupos multiplicam-se. Há-os em Guillotière, em Perrache, em Croix-Rousse, em Vaise, em Saint-Juste, sem contar o grande número de reuniões familiares.

Kardec sente-se invadido por indefinível sentimento. A sua Lyon é, para ele, um doce tormento, uma dessas congeminações que traduzem o triunfo da causa pela qual dá sua vida e a ira deletéria de seus críticos impotentes. O tema predileto de Kardec é a *caridade*, porém ele bem sabe que o despeito pode ser tão clarividente quanto a bondade.

Um operário de Saint-Juste emociona-o profundamente discursando com admiráveis palavras: “Viemos de longe e subimos as alturas de Saint-Juste com um calor extenuante. Trouxemos conosco as nossas ferramentas de trabalho juntamente com o pão e o queijo. Queríamos partilhá-lo convosco, um verdadeiro ágape oferecido com a simplicidade antiga e o coração sincero. E um copo de vinho que essa brava gente não pode beber todos os dias. Ah! Uma verdadeira festa! Iríamos ouvir falar de Espiritismo”

Mas, pela *Gazeta de Lyon*, um certo Sr. C. M. chama aos espíritas “... alucinados que romperam com todas as crenças religiosas de seu tempo e de seu país...”

A resposta de Kardec é serena. O Espiritismo não é uma seita política, como não é uma seita religiosa. É a constatação de um fato, uma doutrina moral, e a moral está em todas as religiões, em todos os tempos, em todos os países. A moral que ensina é boa ou má? É subversiva? Estudem-na e saberão do que se trata. Todavia, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida, condená-la será condenar o Evangelho.

*

Em Kardec não há pusilanimidade. No outono de 1862 deixa Paris para sua terceira viagem de propaganda espírita. Esta será a mais extensa a ser feita em toda a sua vida e se alongará até Bordeaux. Precisa constatar o processo de fermentação. O mundo do homem encarnado era um mundo enfermo que se tentava analisar dentro dos quadros da psicologia ou da filosofia. Mas tudo aquilo era susceptível de mais de uma explicação.

Kardec preparou, com zelo habitual, o material de sua oratória e, de fato, o seu tema de eleição está, melhor do que nunca, expresso no legado dessa viagem.

Tudo quanto vai dizer é fruto de uma experiência pessoal. Essa experiência caminha para nós e a voz que a expressa, apesar dos anos, nada tem de debilidade. Entre o homem e sua felicidade, ergue-se a *sombra*, a terrível paixão: o *egoísmo*. Isto é uma espécie de grito que precisa ser mil vezes repetido, até que o grande obstáculo, a *sombra*, seja reconhecida como o pior dos inimigos. Enquanto isso não se faça todos estaremos excluídos da felicidade que desejamos partilhar.

Todavia é inútil repetir o tema que o leitor vai encontrar neste livro.

*

A *Viagem Espírita em 1862* levou Allan Kardec a mais de vinte cidades diferentes, nas quais presidiu a cerca de cinquenta reuniões. Um convite subscrito por 500 assinaturas, efetuado

mais uma vez pelo grupo lionês, promoveu-a. No decorrer dessas seis semanas de 1862, ao outono sucedeu o inverno, e foi através da chuva, do frio e da neve que o grande missionário se locomoveu pela província francesa.

Em novembro do mesmo ano, pelo editorial da *Revue*, prestava conta de seus passos, escrevendo:

“Acabamos de fazer uma visita a vários centros espíritas da França, lamentando que o tempo não nos tenha permitido ir a toda parte onde nos haviam convidado, nem prolongar nossa visita a cada localidade tanto quanto desejávamos, dada a acolhida simpática e fraterna recebida. Durante uma viagem de mais de seis semanas e um percurso de 693 léguas, estivemos em vinte cidades e assistimos a mais de cinquenta reuniões. O resultado nos deu uma grande satisfação moral, sob o duplo aspecto das observações colhidas e da constatação dos imensos progressos do Espiritismo.

O relato dessa viagem, que compreende principalmente as instruções por nós oferecidas aos vários grupos, é muito extenso para ser publicado na *Revista*, pois absorveria quase dois números. Fizemos uma separata, do mesmo formato, a fim de, caso necessário, a ela ser anexada.”

Esse editorial é fechado com chave de ouro através de dois magníficos parágrafos:

“Parece-nos indicado aproveitar esta circunstância para retificar uma opinião que se nos afigurou muito generalizada.

Várias pessoas, principalmente na província, tinham pensado que o custo dessas viagens corria por conta da Sociedade de Paris. Tivemos que explicar esse erro, sempre que se apresentou. Aos que possam ainda pensar assim, lembramos o que foi dito em outra ocasião: a Sociedade se limita a cobrir as despesas correntes e não possui reservas. Para que pudesse constituir um capital, teria que visar o número de adesos: é o que não faz, nem quer fazer, pois seu objetivo não é a especulação, e o número não dá importância aos seus trabalhos. Sua influência é toda moral e o caráter de suas reuniões dá aos estranhos a idéia de uma assembléia

grave e séria. Este é o seu mais poderoso meio de propaganda. Assim, não poderia ela prover nenhuma despesa. Os gastos de viagem, como todos os decorrentes das relações que estabelecemos em favor do Espiritismo, são cobertos por nossos recursos pessoais e nossas economias, acrescidos do produto de nossas obras, sem o que ser-nos-ia impossível enfrentar todos os encargos conseqüentes da obra que empreendemos. Digo isto sem vaidade, mas unicamente em homenagem à verdade e para edificação dos que imaginam que entesouramos dinheiro.”

*

André Moreil, o mais recente biógrafo de Kardec, comenta a *Viagem Espírita em 1862* nos seguintes termos: “Essa grande viagem foi, mais tarde, publicada em obra especial, que se tornou auxiliar indispensável aos grupos espíritas, tanto no que concerne à doutrina, quanto no que diz respeito à organização e administração das sociedades espíritas.”

Creemos que este livro não foi, até o momento, editado em língua portuguesa. Lançamo-lo não apenas por sua alta qualidade doutrinária, mas ainda como uma adesão da “Casa de Cairbar Schutel” às comemorações do 1º Centenário de Desencarne de Allan Kardec, ocorrido em 1869.

Os conceitos nele contidos são tão atuais e frescos, tão fundamentais à boa conduta das entidades espíritas, que poderiam ter sido escritos em 1952. O leitor arguto e atento fará aqui mil descobertas de transcendental valor. Cem anos transcorridos, as instruções de Kardec são ainda perfeitamente aplicáveis e uma garantia para a pureza doutrinária. Caracterizam-se pela firmeza, lucidez e responsabilidade. Finalmente, o seu curioso modelo de Regulamento, o antepassado dos atuais estatutos das sociedades espíritas, é um exemplo de ponderação, de repulsa ao misticismo e uma revelação de alto espírito universalista.

A *Viagem Espírita em 1862* é obra em que, de singular maneira, o “homem” Allan Kardec se nos revela com sua consciência histórica e, em súbitos clarões, permite que o

vejam os bem próximo de nós, o ser que já realizou o que intentamos, isto é, a substancial reforma interior que, só ela, possibilita a mágica interação: a criatura vivendo no Espiritismo, o Espiritismo vivendo na criatura.

Araraquara, maio de 1968.

Impressões Gerais

Nossa primeira viagem a serviço do Espiritismo, realizada em 1860, limitou-se apenas a Lyon e algumas outras cidades que se encontravam em nosso trajeto. No ano seguinte acrescentamos Bordeaux ao itinerário e finalmente agora, além dessas cidades principais, no decorrer de uma excursão que durou sete semanas, num percurso de cento e noventa e três léguas, visitamos uma vintena de localidades e assistimos a mais de cinquenta reuniões. Nosso propósito não é fazer uma documentação histórica dessa viagem. No decorrer dela recolhemos, é verdade, toda uma série de episódios que, um dia, talvez, terão o seu interesse, uma vez que pertencerão à História. Hoje, entretanto, limitamo-nos a resumir as observações que fizemos sobre a situação em que se encontra a Doutrina Espírita e levar ao conhecimento geral as orientações que nos foi possível oferecer aos organizadores dos diferentes Centros. Sabemos que os verdadeiros espíritas apreciarão tal iniciativa e nossa intenção é, sobretudo, atender a estes e não aos que andam à cata de motivos para diversão. Além disso, nesta narrativa, o nosso amor próprio estará, muitas vezes, posto em jogo e este é um motivo preponderante para um retraimento de nossa parte. É esta ainda a razão que nos impede de publicar os numerosos discursos que nos foram dedicados e que guardamos como preciosas recordações. O que não poderíamos deixar de consignar, sem correr o risco de passar por ingrato, é o acolhimento tão benevolente e tão simpático que recebemos e que, só ele, bastaria para nos recompensar por todas as fadigas.

Devemos particular reconhecimento aos espíritas de Provins, Troyes, Sens, Lyon, Avignon, Montpellier, Cette, Toulouse, Marmande, Albi, Saint Gemme, Bordeaux, Royan, Marcherssur-Garonne, Marennes, St. Pierre d'Oléron, Rochefort, St. Jean d'Angély, Angoulême, Tours e Orléans, bem como a todos quantos não recuaram ante a perspectiva de uma viagem de dez e até vinte léguas para irem se reunir a nós nas cidades onde nos havíamos detido. Essa acolhida poderia, realmente, ser de molde

a nos encher de orgulho, não considerássemos que tais demonstrações se endereçaram bem menos a nós como pessoa, do que à Doutrina Espírita, como constatação do crédito em que é tida, pois que, não fosse por ela, nada seríamos e tão pouco alguém se preocuparia conosco.

O primeiro resultado que pudemos constatar foi o imenso progresso realizado pela crença espírita. Um único fato pode disso dar uma idéia. quando de nossa primeira viagem a Lyon, em 1860, existiam ali, por alto, algumas centenas de adeptos. No ano seguinte alcançavam a casa de 5 ou 6 mil. Este ano o cálculo tornou-se impossível. Pode-se, entretanto, avaliá-los entre 25 e 30 mil. Em Bordeaux, no ano passado, não chegavam a 1 mil. No espaço de um ano esse número foi decuplicado. Esse é um fato constante, que ninguém pode contestar.

Um outro fato que nos foi dado verificar e que nos parece notável é que, em uma inumerável quantidade de localidades, onde era desconhecido, o Espiritismo penetrou graças às pregações que lhe são contrárias e que, fazendo-o notado, inspiraram nas pessoas o desejo de investigar em que consiste ele. Em seguida, ao se provar o seu caráter racional, necessariamente adquiriu partidários. Poderíamos citar, entre outras, uma pequenina cidade no departamento do Indre-et-Loire onde, há mais ou menos seis meses, nunca se ouvira falar de Espiritismo. Foi quando ocorreu a um pregador a idéia de fulminar, através do púlpito, o que ele denominava, do modo falso e impróprio, a religião do século dezenove e o culto a Satã. A população, surpreendida, se interessou por saber do que se tratava. Encomendaram-se livros e hoje, ali, um grupo de adeptos já organizou um Centro. Esse fato é tanto mais significativo porque prova quanta razão tinham os Espíritos quando nos diziam, há alguns anos, que nossos próprios adversários, sem o quererem, serviriam à nossa causa.

É uma constante o fato de que, por toda parte a propagação das idéias espíritas se desenvolveu em razão dos ataques. Ora, para que uma idéia se difunda por tal processo, é preciso que ela satisfaça e que as pessoas a julguem mais racional do que aquela que se lhe opõe. Um dos resultados de nossa viagem foi, pois,

constatar, com nossos próprios olhos, o que já sabíamos por nossa correspondência.

É preciso confessar, não obstante, que essa progressão ascendente está longe de ser uniforme. Se há localidades onde a idéia espírita parece germinar à medida que a semeamos, outras há, em contraposição, onde penetra mais dificilmente, por motivo de causas locais devidas ao caráter de seus habitantes e, sobretudo, à natureza de suas ocupações. Em tais lugares os espíritas realizam seus estudos individualmente. Mas aí, como em outras partes, as raízes já se firmaram e, cedo ou tarde, apresentarão seus rebentos, tal como se tem visto ocorrer, hoje em dia, nas cidades onde os espíritas já são mais numerosos.

Por toda parte a idéia espírita começa a ser difundida partindo das classes mais esclarecidas ou de mediana cultura. Em nenhum lugar ascende das classes mais incultas. Da classe média ela se estende às mais altas e mais baixas da escala social. Em muitas cidades os grupos de estudos são constituídos quase que exclusivamente por membros dos tribunais, pela magistratura e o funcionalismo. A aristocracia fornece também seu contingente de adeptos, mas, até o presente, eles se têm contentado em ser simpatizantes e, na França pelo menos, pouco se reúnem. Grupos desse tipo são mais comuns na Espanha, Rússia, Áustria e Polônia, onde o Espiritismo tem lúcidos representantes, mesmo nas camadas sociais mais elevadas.

Um fato talvez mais importante do que a constatação em termos de quantidade, resultante também de nossas observações, é a seriedade com que se encara o Espiritismo. Onde quer que se pesquise – e podemos dizer: com avidez – busca-se o lado filosófico, moral e instrutivo. Em nenhum lugar vimos a prática espírita reduzida a motivo para distrações nem as experiências serem conduzidas como diversão. Invariavelmente, as perguntas fúteis e a simples curiosidade são postas de lado. Em sua maioria os grupos são muito bem dirigidos, alguns mesmo de forma notável, com o emprego pleno dos verdadeiros princípios da ciência espírita. Os propósitos são idênticos aos que norteiam a sociedade de Paris e *não se tem outra bandeira senão os princípios ensinados em “O Livro dos Espíritos”*. Nesses grupos

reina, de modo geral, uma ordem e um recolhimento perfeitos. Vimos alguns, em Lyon e Bordeaux, que reúnem, habitualmente, cem a duzentas pessoas e onde a atitude geral é tão edificante quanto o seria dentro de uma igreja. Foi em Lyon que tivemos a reunião geral mais importante. Compunha-se de mais de seiscentos delegados de diferentes grupos e tudo transcorreu de forma admirável.

Devemos acrescentar que em nenhuma das localidades visitadas as reuniões espíritas sofreram a mais leve restrição e devemos agradecimentos às autoridades civis pela cortesia de que fomos objeto em mais de uma circunstância.

Os médiuns igualmente se multiplicam e há poucos Centros que não dispõem do concurso de vários deles, sem falar da quantidade bem mais considerável daqueles que não pertencem a nenhum núcleo e que apenas empregam suas faculdades isoladamente ou junto a pequenos grupos de amigos. Nesse número predominam os psicógrafos de diferentes gêneros. *Em grande maioria, entretanto, fazem-se sentir os médiuns moralistas,*¹ pouco divertidos para os curiosos, que melhor farão indo procurar distrações alhures do que nas reuniões espíritas verdadeiramente sérias. Lyon possui vários médiuns desenhistas² notáveis, um dos quais emprega o óleo sem que jamais tenha tido qualquer lição de desenho ou de pintura, e vários médiuns videntes,³ cujas faculdades pudemos constatar. Em Marrennes há também uma senhora, médium desenhista e, igualmente, um ótimo médium psicógrafo,⁴ tanto para dissertações espontâneas quanto para evocação. Em Saint-Jean d'Angély vimos um médium mecânico⁵ que podemos considerar excepcional. Trata-se de uma senhora que redige longas e formosas comunicações enquanto lê o jornal ou conversa com os presentes, e isto sem nunca olhar para sua própria mão. Sucede muitas vezes que, distraída, não se apercebe de que a comunicação chegou ao fim. Os médiuns iletrados são numerosos e muitos há que psicografam sem jamais terem aprendido a escrever. Isso não é mais surpreendente do que ver um médium desenhar sem ter sido iniciado nessa arte. *Mas o que é característico, é a evidente diminuição dos médiuns de efeitos*

físicos,⁶ à medida que se multiplicam os médiuns de efeitos intelectuais.⁷ É que, como os Espíritos o afirmam, a fase da curiosidade passou e já vivemos um segundo período, o da filosofia. O terceiro, que começará em pouco, será o de sua aplicação à reforma da humanidade.

Os Espíritos, que tudo conduzem com grande sabedoria, tiveram a intenção de, preliminarmente, despertar as atenções para a nova ordem de fenômenos e provar a possibilidade da comunicação com os seres do mundo invisível. Espicaçando a curiosidade, alcançaram desentorpecer toda a gente, ao passo que se tivessem apresentado, de início, uma filosofia abstrata, não alcançariam ser compreendidos senão por um pequeno número, com o agravante de que a origem dessa filosofia teria sido dificilmente admitida. Optando por um processo gradativo, mostraram o que podiam realizar. Todavia, como, em definitivo, as conseqüências morais constituíam sua finalidade essencial, deram às manifestações seu aspecto normal de seriedade quando julgaram suficiente o número de pessoas dispostas a ouvi-los, pouco se inquietando com os recalcitrantes. Quando a ciência espírita estiver solidamente constituída e escoimada de todas as interpretações sistemáticas e errôneas, que caem a cada dia ante o exame sério, eles se ocuparão de estabelecê-la em âmbito universal, para isso empregando poderosos meios. Enquanto esperam, semeiam a idéia por todo o mundo, a fim de que, quando o momento estiver chegado, ela encontre, por toda parte, o terreno preparado. E saberão bem como superar todos os entraves, pois o que podem contra eles e contra a vontade de Deus os obstáculos humanos?

Essa caminhada racional e prudente se revela em tudo, mesmo nos mais sutis ensinamentos que gradualmente proporcionam de acordo com o tempo, os lugares e os hábitos dos homens. Uma luz intensamente brilhante e súbita não ilumina, mas ofusca. Assim sendo, os Espíritos oferecem-na de pouco em pouco. Quem quer que acompanhe o progresso da ciência espírita reconhecerá que ela cresce em importância à medida que penetra os mais profundos mistérios. O Espiritismo discute, hoje em dia, idéias das quais não se duvidava há alguns

anos, e ele não disse ainda a última palavra, pois que reserva muitas outras revelações.

Pudemos constatar essa *marcha progressiva de ensino* pela natureza das comunicações obtidas nos diferentes grupos que visitamos e que comparamos com outras anteriormente recebidas. Elas não se distinguem apenas por sua extensão, sua amplitude de vistas, facilidade de obtenção e alta moralidade, mas, acima de tudo, pela natureza das idéias discutidas e, freqüentemente, de forma magistral. Isso, sem dúvida, depende muito do médium, porém não exclusivamente. Não basta ter um bom instrumento, é necessário dispor de um bom músico para dele tirar bons sons e, ainda mais, é preciso que o executante disponha de uma audiência capaz de compreendê-lo e de apreciá-lo. Quem se daria ao trabalho de executar diante de surdos?

Esse progresso, convenhamos, não é geral. Abstração feita dos médiuns, nós o constatamos em relação ao caráter dos grupos. Atinge seu mais amplo desenvolvimento naqueles onde reina, juntamente com a fé mais ativa, os sentimentos puros, o desinteresse *moral* mais intenso. Os espíritos sabem muito bem em quem depositar sua confiança, relativamente a problemas que não podem ser compreendidos por toda a gente. Naqueles em que esbarram com condições menos elevadas, o ensino é bom, sempre moral, porém se restringe, mais geralmente, a banalidades.

Por *desinteresse moral* entendemos a abnegação, a humildade, a ausência de toda a pretensão orgulhosa e de todo o pensamento personalista postos a serviço do Espiritismo. Seria supérfluo falar do desinteresse material, pois que esta é uma questão de princípio e, por outro lado, porque vimos, por onde quer que andamos, uma repulsa instintiva contra toda idéia de especulação, vista quase como um sacrilégio. Os médiuns interesseiros e profissionais são desconhecidos nas localidades onde estivemos, com exceção de uma, onde se encontram alguns. Entretanto quem, por exemplo, em Bordeaux ou seus arredores, fizesse profissão de suas faculdades, não inspiraria nenhuma confiança; pelo contrário, seria repellido por todos os grupos. Essa atitude foi por nós constatada e registrada pessoalmente.

Um outro traço característico à época é o número incalculável e em constante crescimento de adeptos que *nada viram* e que, nem por isso, são menos entusiastas, pois que *leram e compreenderam*. Em Cette, por exemplo, não se conhecem médiuns senão por se ouvir falar e pelas descrições dos livros. Não obstante é difícil encontrar-se mais fervor e dedicação à causa espírita do que ali. Um dos habitantes da cidade perguntou-me se essa facilidade em aceitar a doutrina pela simples teoria era um bem ou um mal, se era atitude condizente com um espírito reflexivo ou superficial. Respondemos-lhe que a facilidade em aceitar a idéia espírita indica facilidade de compreender; que esta, como outra qualquer idéia, pode se *inata* e que basta uma simples fagulha para fazê-la saltar de seu estado latente. Essa facilidade em compreender denota uma evolução anterior nesse sentido: seria leviandade aceitá-la sob palavra e cegamente. Este, entretanto, não é o caso daqueles que só a adotam após haver estudado e compreendido. Eles vêem através dos olhos da inteligência o que os outros vêem simplesmente pelos olhos do corpo. Isso prova que emprestam maior atenção ao fundo do que à forma. Para eles a *filosofia é o principal; as manifestações constituem um mero acessório*. A filosofia espírita explica-lhes o que nenhuma outra lhes pode explicar. Ela satisfaz-lhes à razão por sua lógica, preenche neles o vazio da dúvida e isto lhes basta. Eis porque preferem-na a qualquer outra.

É raro que tais pessoas, compreendidas nesta categoria, não sejam bons e verdadeiros espíritas, pois que nelas existe o germe da fé, abafado momentaneamente pelos prejuízos terrestres. De resto, os motivos de convicção variam conforme os indivíduos. Para alguns são necessárias provas materiais; para outros as provas morais são suficientes. Ora, indivíduos há que não são convencidos nem por umas nem por outras. Esses matizes possibilitam um diagnóstico de seu espírito. Em todo o caso pouco se pode esperar daqueles que dizem: “Só acreditarei se me fizerem assistir a tal ou tal coisa”, e nada dos que julgam indigno de si mesmos estudar e observar. Quanto aos que afirmam: “Ainda que eu veja não acreditarei, pois *sei que é impossível*”, é

de todo inútil mencioná-los e mais inútil ainda perder, com eles, o nosso tempo.

Já é muito, sem dúvida, crer, mas a crença apenas não é suficiente, se ela não oferece resultados e isso, infelizmente, tem ocorrido em muitos casos. Faço referência àqueles para os quais o Espiritismo não passa de um fato, de uma bela teoria, uma letra morta que não produz, na estrutura íntima dessas pessoas, nenhuma transformação, nem em seu caráter, nem em seus hábitos. Mas ao lado dos espíritas simplesmente crentes ou simpáticos à idéia, há os espíritas de coração, e nos confessamos felizes por havermos deparado com eles em grande número. Vimos transformações que poderiam ser rotuladas de miraculosas, recolhemos admiráveis exemplos de zelo, de abnegação e de devotamento, numerosos casos de caridade verdadeiramente evangélica que poderíamos, com justiça, denominar: *Os belos traços do Espiritismo*. Vale aqui lembrar que as reuniões exclusivamente compostas de verdadeiros e sinceros espíritas, daqueles nos quais fala o coração, apresentam um aspecto muito especial: todas as fisionomias refletem a franqueza e a cordialidade. Nós nos encontramos à vontade nesses ambientes simpáticos, verdadeiros templos onde reina a fraternidade. Tanto quanto os homens, os espíritos aí se comprazem e é então que se revelam mais expansivos, que oferecem as orientações de caráter mais íntimo. Pelo contrário, nos ambientes onde se registram divergências de sentimentos, onde as intenções não são puras ou onde se observa o sorriso sardônico e desdenhoso em certos lábios, onde se sente o sopro da malquerença e do orgulho, onde se teme a cada instante pisar o pé da vaidade ferida, há sempre constrangimento, embaraço e desconfiança. Em tais locais os próprios espíritos são mais reservados e os médiuns muitas vezes vêm-se paralisados pela influência dos maus fluidos que sobre eles pesam como um manto de gelo. Tivemos a ventura de assistir a numerosas reuniões que se enquadram na primeira categoria e registramo-las com grande alegria em nossos apontamentos, como as mais agradáveis lembranças que guardamos de nossa viagem. Reuniões dessa natureza se multiplicarão, sem dúvida, à medida

que a verdadeira finalidade do Espiritismo for mais bem compreendida. Essas são, igualmente, as que fazem a mais frutuosa e mais sólida propaganda, pois que reúnem pessoas bem intencionadas e preparam a *reforma moral da humanidade pregando pelo exemplo*.

É notável verificar que as crianças educadas nos princípios espíritas adquirem uma capacidade precoce de raciocínio, que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas. Nós as vimos em grande número, de todas as idades e dos dois sexos, nas diversas famílias onde fomos recebidos, e pudemos fazer essa observação pessoalmente. Isso não as priva da natural alegria, nem da jovialidade. Todavia não existe nelas essa turbulência, essa teimosia, esses caprichos que tornam tantas outras insuportáveis. Pelo contrário, revelam um fundo de docilidade, de ternura e respeito filiais que as leva a obedecer sem esforço e as torna responsáveis nos estudos. Foi o que pudemos notar e essa observação é geralmente confirmada.

Se podemos analisar aqui os sentimentos que a crença espírita tende a desenvolver nas crianças, facilmente conceber-se-ão os resultados que pode produzir. Diremos apenas que a convicção que têm da presença de seus avós, que estão ali, ao seu lado e podem incessantemente vê-las, impressiona-as bem mais vivamente do que o temor do diabo, do qual terminam logo por descreer, enquanto não podem duvidar do que testemunham todos os dias, no seio da família. Há, pois, uma geração espírita que cresce e que vai incessantemente aumentando. Essas crianças, por sua vez, educarão seus filhos nos mesmos princípios e, enquanto isso, os velhos preconceitos irão, de pouco em pouco, desaparecendo com as velhas gerações. Torna-se evidente que a idéia espírita será, um dia, a crença universal.

Um fato não menos característico do estado atual do Espiritismo é o desenvolvimento de uma corajosa opinião. Se há ainda adeptos reprimidos pelo medo, o número destes é bem pouco considerável hoje em dia, ao lado daqueles que confessam em alto e bom som suas convicções e não se constrangem de se confessarem espíritas, como não se constrangeriam de se confessarem católicos, judeus ou protestantes. A arma do

ridículo, à força de ser arremetida sem abrir brechas e em face de tantas personalidades notáveis que proclamam, abertamente, a nova filosofia, acabou por se tornar inútil e foi posta de lado. Uma única arma permanece ainda em riste: a idéia do diabo. Mas, neste caso, é ao próprio ridículo que se faz justiça. Todavia não foi apenas esse gênero de coragem que verificamos, mas também aquela da ação, do devotamento, do sacrifício, isto é, a coragem daqueles que, resolutamente, se põem à frente na promoção das idéias novas em certas localidades, pondo em risco suas pessoas e enfrentando ameaças e perseguições. Eles sabem que, se os homens lhe fizerem mal, nesta curta vida, Deus não os deixará esquecidos.

A obsessão é, como se sabe, um dos grandes escolhos do Espiritismo. Não poderíamos, pois, deixar de lado uma questão de importância tão capital. Recolhemos a esse respeito importantes observações, que constituirão o assunto de um artigo especial na *Revista*. Nele trataremos dos possuídos de Morzine, que visitamos na Alta Sabóia.⁸ Aqui diremos apenas que os casos de obsessão são muito raros entre aqueles que fizeram um estudo prévio e atento de *O Livro dos Médiuns* e se identificaram com os princípios nele contidos, pois que se mantêm vigilantes, atentos aos menores sinais que podem trair a presença de um Espírito suspeito. Vimos alguns grupos que, sem dúvida, encontram-se sob uma influência abusiva. Mas é evidente que se comprazem com ela e dela se tornam presa por uma confiança demasiado cega e, além disso, por certas predisposições morais. Outros, pelo contrário, alimentam um tal temor de serem enganados, que levam a desconfiança, por assim dizer, ao excesso, analisando com um cuidado metuculoso todas as palavras e todos os pensamentos, preferindo rejeitar o duvidoso a correr o risco de admitir o que seria mau. Assim, os Espíritos mentirosos, sentindo-se inúteis, terminam por se retirar, indo se desferrar junto daqueles que percebem menos vigilantes e nos quais encontram fraquezas e exuberâncias de espírito a explorar.

O excesso em tudo é prejudicial, mas em semelhante caso *vale mais pecar por excesso de prudência do que por excesso de confiança*.

Um outro resultado de nossa viagem foi nos permitir sopesar a opinião que se faz de certas publicações que se distanciam, mais ou menos, de nossos princípios e entre as quais algumas chegam mesmo a ser-lhes francamente hostis.

Diremos, de início, que encontramos uma unânime aprovação relativamente ao nosso silêncio em face dos ataques que, pessoalmente, temos sofrido. É relevante que todos os dias recebamos cartas de felicitações a esse respeito. Nos muitos discursos pronunciados, de modo geral aplaudiu-se, significativamente, nossa moderação. Um deles, entre outros, contém a passagem seguinte:

“A maledicência de vossos inimigos produz um resultado inteiramente contrário àquele que esperam, e é o de engrandecer-vos aos olhos dos vossos numerosos discípulos e de apertar os laços que os unem a vós. Por vossa indiferença mostrais que tendes consciência de vossa força. Opondo a mansidão às injúrias, ofereceis um exemplo que saberemos aproveitar. A História, prezado mestre, da mesma forma que vossos contemporâneos, e melhor ainda do que estes, levará a vosso crédito essa moderação, quando constatar, por vossas obras, que às provocações da inveja e do ciúme, opusestes apenas a dignidade do silêncio. Entre eles e vós, a posteridade será o juiz”.

Os ataques pessoais nunca nos abalaram. Coisa diversa, entretanto, ocorreu relativamente àqueles que são dirigidos contra a doutrina. Algumas vezes respondemos diretamente a certas críticas, quando isso nos pareceu necessário e a fim de provar que, se preciso, sabemos também lutar. E isso teríamos feito, sem dúvida, muitas vezes, se constatássemos que esses ataques traziam um prejuízo real ao Espiritismo. Mas quando ficou provado pelos fatos que, longe de enodoá-lo, prestavam-se à causa que defendia, louvamos a sabedoria dos Espíritos que empregavam seus próprios inimigos para propagar o Espiritismo e tornar a infâmia em benefício, fazendo a idéia combatida penetrar em círculos onde *já* *teria penetrado pelo elogio*. Este é um fato que nossa viagem nos demonstrou de maneira

peremptória, uma vez que nesses mesmos círculos o Espiritismo veio a recrutar vários partidários.

Quando as coisas caminham por si sós, por que, então, disputar e combater em lutas infrutíferas? Quando um exército verifica que as balas do inimigo não o atingem, ele o deixa atirar ao seu bel-prazer e desperdiçar suas munições, certo de obter uma vantagem depois. Em semelhantes circunstâncias, o silêncio é, muitas vezes, um recurso astucioso. O adversário, ao qual não se responde, acredita não haver ferido bastante profundamente ou não ter encontrado o ponto vulnerável. Então, confiando no êxito que supõe fácil, ele se descobre e cai por si mesmo. Uma resposta imediata o teria posto em guarda. O melhor general não é aquele que se atira, de peito aberto, na confusão da batalha, mas o que sabe esperar e estudar as aproximações. Foi o que sucedeu a alguns dos nossos antagonistas: observando o caminho pelo qual se enveredavam, era fácil ver que se comprometiam cada vez mais. Apenas os deixamos à vontade. E eles, mais cedo do que se esperava, desacreditaram o que defendiam à força de seus próprios exageros, resultado esse que não teríamos alcançado através de nossa argumentação.

“Entretanto – dizem os que se pretendem críticos de boa-fé – nossa única preocupação é a de esclarecer e, se atacamos, não é absolutamente por hostilidade, partidarismo ou malquerença, mas para que, da discussão, possa nascer a luz.”

Entre esses críticos há, certamente, os que são sinceros. Mas é preciso notar que os que têm em vista apenas questões de princípios discutem com calma e mantêm sempre o decoro. Ora, quantos desse tipo podemos encontrar? O que contém a maior parte dos artigos que a grande ou pequena imprensa tem dirigido contra o Espiritismo? Diatribes, facécias geralmente pouco espirituosas, tolices e ironias chãs, muitas vezes injúrias que se caracterizam pela grosseria e banalidade. Serão estes críticos sérios, dignos de uma resposta? Há os que se põem a descoberto com tanta inabilidade que se torna inútil desmascará-los, pois que toda a gente percebe-lhes as intenções. Seria, em realidade, dar-lhes demasiada importância e vale mais, pois, deixar que se dêem as mãos, em seu pequeno círculo, do que pô-los em

evidência através de polêmicas sem objetivo, já que não os convenceriam. Se a moderação não estivesse em nossos princípios – pois que constitui uma consequência mesma da Doutrina Espírita, que prescreve o esquecimento e o perdão às ofensas –, seríamos encorajados a empregá-la pela simples verificação do efeito produzido por esses ataques, constatando que a opinião pública melhor nos vingaria do que jamais nossas palavras tê-lo-iam podido fazer.

Quanto aos críticos honestos, de boa-fé, que comprovam sua arte de viver pela urbanidade das expressões, estes colocam a ciência acima de questões pessoais. A eles muitas vezes respondemos, quando não diretamente, pelo menos no ensejo de nossos artigos, em que são abordadas questões postas em controvérsia. E isso de tal forma que – julgamos –, para quem quer que se dê ao trabalho de ler esses artigos, não há uma única objeção que não esteja sem refutação. Para responder a cada um, individualmente, fora preciso repetir, incessantemente, a mesma coisa e, de cada vez, com serventia para uma única pessoa. O tempo, ademais, não nos permitiria essa façanha, enquanto que, aproveitando um assunto que se nos apresenta para refutá-lo ou dar a seu respeito uma explicação, conseguimos, as mais das vezes, colocar o exemplo ao lado da teoria, e isso é de proveito geral.

Anunciamos a edição de um pequeno volume intitulado *Refutações*. Não o publicamos até hoje porque nos pareceu que ninguém se revelava especialmente interessado nele. E essa impressão se justificou. Antes de responder a certas brochuras que deveriam, conforme as afirmativas de seus autores, fazer ruir os fundamentos do Espiritismo, preferimos esperar e verificar o efeito que teriam. Pois muito bem! Nossa viagem nos convenceu de uma coisa: elas nada fizeram ruir! O Espiritismo está mais vivo do que nunca e, em contrapartida, na atualidade, apenas de modo vago mencionam-se essas publicações. É fácil supor que, nos círculos aos quais eram endereçadas e em cujas portas não batemos, são tidas como irrefutáveis. E com certeza, diz-se que nosso silêncio é a prova de nossa impossibilidade de respondê-las. Daí concluem que fomos duramente batidos, fulminados e

arrasados. Que nos importa isso desde que não fomos atingidos? Esses escritos fizeram diminuir o número dos espíritas? Não! Nossa resposta teria convertido essas pessoas? Não! Onde, pois, a utilidade de refutá-las? Havia, pelo contrário, vantagem em deixar que os nossos adversários disparassem o primeiro tiro.

Quando Sófocles⁹ foi acusado por seus filhos, que exigiam sua prisão por causa de uma clemência, ele escreveu o *Édipo*¹⁰ e teve ganho de causa. Não somos capazes de escrever um *Édipo*, mas outros se encarregarão de responder por nós: nosso editor em primeiro lugar, lançando no mercado livreiro a nona edição de *O Livro dos Espíritos* (a primeira é de 1857) e a quarta de *O Livro dos Médiuns* em menos de dois anos; os assinantes da *Revista Espírita* duplicados em número e nos obrigando à necessidade de fazer uma nova impressão dos anos anteriores, duas vezes esgotados; a *Sociedade Espírita de Paris*, que vê crescer sua reputação; os espíritas que se multiplicam a cada ano, fundando por toda parte, na França e no estrangeiro, grupos adesos e sob a orientação da *Sociedade de Paris*; o Espiritismo, finalmente, que avança pelo mundo afora, consolando os aflitos, sustentando a coragem dos abatidos, semeando a esperança onde havia desespero, a confiança no futuro em lugar do medo! Estas respostas bem mais valem do que as outras, pois que são os fatos que falam. Mas, como um rápido corcel, o Espiritismo levanta em seu rastro a poeira do orgulho, do egoísmo, da inveja e do ciúme, derrogando à sua passagem a incredulidade, o fanatismo, os preconceitos e conclamando os homens todos à lei do Cristo, isto é, à caridade, à fraternidade. Vós que julgais que ele avança com excessiva rapidez, que não podeis contê-lo, por que não ides mais célere do que ele? O meio de barrar-lhe a passagem é tão simples! Consiste apenas em fazerdes melhor do que ele faz. Dai mais do que ele dá, tornai os homens melhores, mais felizes, mais cheios de crença do que ele pode fazer e o mundo o abandonará para vos seguir. Mas enquanto o atacardes apenas por palavras e não por melhores resultados morais, enquanto não substituírdes a caridade que ele ensina por uma caridade maior, tereis de vos resignardes a deixá-lo passar. É que o Espiritismo não é apenas uma questão de fatos mais ou menos interessantes

ou autênticos, destinados à diversão dos curiosos. É, sobretudo, todo ele uma questão de princípios. Ele é forte principalmente por suas conseqüências morais; ele se faz aceito não porque fecha os olhos, mas porque toca os corações. Tocai os corações mais do que ele o faz e sereis aceitos. Ora, nada sensibiliza menos o coração do que a acrimônia e as injúrias.

Se todos os nossos partidários se agrupassem em torno de nós, teríamos sob os olhos uma multidão e nela não seria possível contar as milhares de adesões que nos chegam de todos os pontos do globo, vindas de pessoas que nunca vimos e que apenas nos conhecem por nossos escritos. Estes são fatos positivos, expressos pela brutalidade das cifras e que não podem ser atribuídos nem aos efeitos da propaganda nem ao compadrio do jornalismo, pois, se as idéias que professamos e das quais não somos senão humilíssimo editor-responsável encontram tão grandes simpatias, é que, examinadas, não se revelam desprovidas de senso comum.

Se bem que a utilidade da refutação a que mencionamos linhas acima não nos tenha sido, até hoje, claramente demonstrada, já que os ataques se refutam por si mesmos, pela insignificância de seus resultados, enquanto os adeptos do Espiritismo crescem em número, ainda assim estaríamos dispostos a levá-la a efeito. Todavia as observações que fizemos em viagem modificaram o nosso plano, pois que muitas coisas se nos revelam inúteis, ao mesmo tempo em que novas idéias nos são sugeridas. Dispostemos para que essa tarefa retarde o menos possível os trabalhos bem mais importantes que nos restam a fazer para completar a obra pela qual nos responsabilizamos.

Em resumo, nossa viagem tinha uma dupla finalidade: oferecer orientações onde destas houvesse necessidade e, ao mesmo tempo, nos instruímos a nós mesmos. Desejávamos ver as coisas com nossos próprios olhos, para julgar do estado real da doutrina e da *maneira pela qual ela é compreendida*; estudar as causas locais favoráveis ou desfavoráveis ao seu progresso, sondar as opiniões, apreciar os efeitos da oposição e da crítica e conhecer o julgamento que se faz de certas obras. Estávamos desejosos, sobretudo, de apertar a mão de nossos irmãos espíritas

e de lhes exprimir pessoalmente nossa sincera e viva simpatia, retribuindo tocantes provas de idênticos sentimentos que nos chegam, por suas cartas; dar, em nome da Sociedade de Paris e em nosso próprio nome, em particular, um testemunho especial de gratidão e de admiração a esses pioneiros da obra espírita que, por sua iniciativa, seu zelo desinteressado e seu devotamento, constituem dela os primeiros e mais firmes sustentáculos, a esses que caminham sempre em frente, sem se inquietarem com as pedras que se lhes atiram, colocando o interesse da causa espírita à frente de seus interesses pessoais. Seu mérito é tanto maior porque trabalham em solo ingrato, vivem em um meio refratário e não esperam deste mundo nem fortuna, nem glória, nem honrarias. Seu júbilo, porém, é grande quando, entre os abrolhos, vêem desabrochar algumas flores. Dia virá em que teremos a felicidade de erguer um Panteon ao devotamento dos espíritas. Esperando que esta circunstância se apresente, queremos deixar-lhes o mérito da modéstia: eles se fazem conhecer e apreciar por suas próprias obras.

Sob esses diversos ângulos nossa viagem foi muito satisfatória e, sobretudo, muito instrutiva, pelas observações que nos foi possível recolher. Se restasse qualquer dúvida quanto ao caráter irresistível do progresso da Doutrina Espírita, quanto à impotência dos ataques, quanto à sua influência moralizadora e o seu futuro, o que vimos bastaria para dissipá-la. Há, certamente, ainda muito por fazer e, em inúmeras localidades, ela apenas lança as primeiras vergônteas esparsas, mas essas vergônteas são vigorosas e já prenunciam frutos. Sem dúvida, a rapidez com a qual se propagam as idéias espíritas é prodigiosa e sem exemplo nos anais das filosofias, porém nós nos encontramos apenas no início da caminhada e resta ainda a fazer a maior parte do percurso. Que a certeza de atingir o objetivo seja, pois, para todos os espíritas um encorajamento em perseverar no rumo que lhes foi traçado.

Publicamos, em seguida, o discurso principal que pronunciamos nas grandes reuniões de Lyon, Bordeaux e algumas outras cidades. Vem seguido das instruções especialmente oferecidas, conforme as circunstâncias, a grupos

particulares, respondendo a algumas das perguntas que nos foram endereçadas.

Discursos **pronunciados nas reuniões gerais** **dos espíritas de Lyon e Bordeaux.**

Discurso I

Senhores e prezados irmãos espíritas.

Não sois escolares em Espiritismo. Hoje colocarei, pois, de lado, questões práticas sobre as quais, devo reconhecer, estais suficientemente esclarecidos, para enfocar o problema sob uma perspectiva mais ampla e, acima de tudo, em suas conseqüências. Este lado do assunto é grave, o mais grave incontestavelmente, pois que revela o *objetivo* para o qual se orienta a Doutrina Espírita e os meios para atingi-lo. Serei um pouco longo, talvez, pois o assunto é vasto e, todavia, restaria ainda muito a dizer, para completá-lo. Assim, solicitarei vossa indulgência considerando que, podendo permanecer um tempo muito restrito entre vós, sou forçado a dizer, de uma só vez, o que em outras circunstâncias poderia ser dividido em muitas partes.

Antes de abordar o ângulo principal do assunto, creio dever examiná-lo de um ponto de vista que me é, de certa forma, pessoal. Se se tratasse tão somente de uma questão individual, seguramente outra seria a minha atitude. Entretanto ela se prende a vários assuntos de caráter geral e disso pode resultar um esclarecimento de utilidade para toda a gente. Esse foi o motivo que me levou a optar por tal iniciativa, aproveitando, assim, a ocasião para explicar a causa de certos antagonismos com que deparamos, não sem algum espanto, em nosso caminho.

No estado atual das coisas aqui na Terra, qual é o homem que não tem inimigos? Para não tê-los fora preciso não habitar aqui, pois esta é uma conseqüência da inferioridade relativa de nosso globo e de sua destinação como mundo de expiação. Bastaria, para não nos enquadrarmos na situação, praticar o bem? Não! O Cristo aí está para prová-lo. Se, pois, o Cristo, a bondade por excelência, serviu de alvo a tudo quanto a maldade pôde

imaginar, como nos espantarmos com o fato de o mesmo suceder àqueles que valem cem vezes menos?

O homem que pratica o bem – isto dito em tese geral – deve, pois, preparar-se para se ferir na ingratidão, para ter contra ele aqueles que, não o praticando, são ciumentos da estima concedida aos que o praticam. Os primeiros, não se sentindo dotados de força para se elevarem, procuram rebaixar os outros ao seu nível, obstinam-se em anular, pela maledicência ou a calúnia, aqueles que os ofuscam. Ouve-se constantemente dizer que a ingratidão com que somos pagos endurece o nosso coração e nos torna egoístas. Falar assim é provar que se tem o coração fácil de ser endurecido, uma vez que esse temor não poderia deter o homem verdadeiramente bom. O reconhecimento é já uma remuneração pelo bem que se faz; praticá-lo tendo em vista essa remuneração é fazê-lo por interesse. Por outro lado, quem sabe se aquele que beneficiamos, e do qual nada esperamos, não será estimulado a mais elevados sentimentos por um reto proceder? Esse pode ser, talvez, um meio de levá-lo a refletir, de suavizar sua alma, de salvá-lo! Essa esperança constitui uma nobre ambição. Se nos inferiorizarmos não realizaremos o que nos compete realizar.

Não podemos, entretanto, supor que um benefício, aparentemente estéril na Terra, seja para sempre improdutivo; é, muitas vezes, um grão semeado e que não germina senão na vida futura daquele que o recebeu. Muitas vezes temos observado certos Espíritos, ingratos como homens, tomados de emoção na espiritualidade, pelo bem que lhes foi feito. E essa lembrança, neles despertando pensamentos benéficos, facilita-lhes enveredarem para o caminho do bem e do arrependimento, contribuindo para abreviar-lhes os sofrimentos. Só o Espiritismo poderia revelar esse resultado da benevolência, só a ele está dado, pelas comunicações recebidas do além-túmulo, revelar o lado caridoso desta máxima: *Um benefício nunca está perdido*, substituindo o sentido egoísta que se lhe atribui. Mas retornemos ao que nos concerne.

Pondo de lado qualquer questão pessoal, tenho adversários naturais nos inimigos do Espiritismo. Não cogiteis que me

lamente! Longe disso! Quanto maior é a animosidade deles, melhor se comprova a importância que a Doutrina Espírita assume aos seus olhos. Se se tratasse de algo sem conseqüências, uma dessas utopias que já nascem inviáveis, não lhe prestariam atenção. Não tendes visto escritos vazados em um tom de hostilidade que não se encontra nos meus – quanto à ideologia –, e nos quais as expressões não são mais parcimoniosas do que o atrevimento dos pensamentos? Contra eles, todavia, não enunciam uma única palavra! O mesmo se daria se as doutrinas que luto por difundir permanecessem circunscritas às páginas de um livro. Entretanto – o que pode parecer mais espantoso –, o fato é que tenho adversários mesmo entre os adeptos do Espiritismo. Ora, nesta área é que uma explicação se torna necessária.

Entre os que adotam as idéias espíritas há, como bem sabeis, três categorias bem distintas:

- 1) os que crêem pura e simplesmente nos fenômenos das manifestações, mas que deles não deduzem qualquer conseqüência moral;
- 2) os que percebem o alcance moral, mas o aplicam aos outros e não a si mesmos;
- 3) os que aceitam pessoalmente todas as conseqüências da doutrina e que praticam ou se esforçam por praticar sua moral.

Estes últimos, vós bem o sabeis, são os *espíritas praticantes*, os *verdadeiros espíritas*. Essa distinção é importante, pois que bem explica as anomalias aparentes. Sem isso seria difícil compreendermos as atitudes de determinadas pessoas. Ora, o que preceitua essa moral? *Amai-vos uns aos outros; perdoai os vossos inimigos; retribuí o bem ao mal; não tendais ira, nem rancor, nem animosidade, nem inveja, nem ciúme; sede severos para convosco mesmos e indulgentes para com os outros*. Tais devem ser os sentimentos do verdadeiro espírita, aquele que se atém ao fundo e não à forma, que coloca o espírito acima da matéria. Ele pode ter inimigos, mas não é inimigo de ninguém,

pois que não deseja o mal a quem quer que seja e, com maiores razões, não procura fazer o mal a ninguém.

Esse, como vede, senhores, é um princípio geral, do qual toda a gente pode beneficiar-se. Se, pois, tenho inimigos, eles não podem ser contados entre os espíritas dessa categoria, pois que, admitindo que tivessem motivos legítimos de queixa contra mim, o que me esforço por evitar, esse não seria um motivo para me odiarem e, com melhores razões se nunca lhes fiz qualquer mal. O Espiritismo tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*, o que equivale dizer: *Fora da caridade não pode existir verdadeiros espíritas*. Solicito-vos inscrever, daqui para a frente, essa divisa em vossas bandeiras, *pois que ela resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe*.

Estando, pois, admitido que não se pode ser um bom espírita com sentimentos de rancor no coração, eu me orgulho de contar apenas com amigos entre estes últimos, pois que, se eu tiver defeitos, eles saberão desculpá-los. Veremos, em seguida, a que imensas e férteis conseqüências conduz esse princípio.

Em primeiro lugar examinaremos as causas que podem excitar certas animosidades.

Desde que surgiram as primeiras manifestações dos Espíritos, algumas pessoas nisso viram um meio de especulação, uma nova mina a ser explorada. Se essa idéia seguisse o seu curso, teríeis visto pulular por toda parte médiuns e pseudo-médiuns, oferecendo consultas a um dado preço por sessão. Os jornais estariam cobertos por seus anúncios e reclames. Os médiuns ter-se-iam transformado em ledores da sorte e o Espiritismo se enquadraria na mesma linha da adivinhação, da cartomancia, da necromancia, etc.. Nesse conflito, como poderia o público discernir a verdade da mentira? Pôr o Espiritismo a salvo, em meio a tal confusão, não seria coisa fácil. Tornou-se imperioso impedir que fosse levado por essa via funesta. Era preciso cortar pela raiz um mal que o teria atrasado por mais de um século. Foi o que me esforcei por fazer, demonstrando desde o princípio, a face grave e sublime dessa nova ciência, *fazendo-a sair do caminho puramente experimental para fazê-la penetrar no da*

filosofia e da moral, revelando, finalmente, a profanação que seria explorar a alma dos mortos, ao mesmo tempo em que cercamos seus despojos de respeito. Desse modo, assinalando os inevitáveis abusos que resultariam de semelhante estado de coisas, contribuí – e disso me vanglorio – para que se levasse ao descrédito a exploração do Espiritismo, conduzindo o público, por isso mesmo, a considerá-lo como algo de venerável e digno de respeito.

Creio ter, assim, prestado algum serviço à causa e se não tivesse agido dessa forma, de que me poderia alegrar? Graças a Deus meus esforços foram coroados de êxito, não apenas na França, mas também no estrangeiro, e posso dizer que os médiuns profissionais são hoje raras exceções na Europa. *Onde quer que minhas obras penetraram e servem de guia, o Espiritismo é visto sob o seu verdadeiro aspecto, isto é, sob um caráter exclusivamente moral.* Por toda parte os médiuns, devotados e desinteressados, compreendendo a responsabilidade de sua missão, vêem-se cercados da consideração que lhes é devida, qualquer que seja sua posição social. E essa consideração cresce na razão mesma de um contraste realçado pelo desinteresse.

Não pretendo absolutamente dizer que entre os médiuns profissionais não existem muitos que sejam honestos e dignos de consideração. Mas a experiência provou, a mim e a muitos outros, que o interesse é um poderoso estimulante à fraude, pois que tem em mira o lucro; e se os Espíritos não colaboram – o que freqüentemente ocorre, pois que não estão por conta de nossos caprichos –, a astúcia, fecunda em expedientes, encontra facilmente meios de supri-los. Para um que agir lealmente, haverá cem dispostos ao abuso e que conspurcarão a reputação do Espiritismo. Por outro lado os nossos adversários não descuidaram de explorar, em proveito de suas críticas, as fraudes que puderam testemunhar, disso concluindo que tudo no Espiritismo é falsidade, e que urge, portanto, oporem-se a esse charlatanismo de um novo gênero. Em vão objeta-se que a doutrina não é responsável por tais abusos. Conheceis o

provérbio: “Quando se deseja matar o cão, diz-se que está raivoso”.

Que resposta mais peremptória poder-se-á dar à acusação de charlatanismo do que dizer-se: “*Quem vos convidou a vir? Quanto pagastes para entrar?*”. Aquele que paga quer ser servido; exige uma retribuição ao seu dinheiro; se não lhe é dado o que espera, tem o direito de reclamar. Ora, para evitar essa reclamação, cuida-se de servi-lo por qualquer expediente. Eis o abuso, mas o abuso que ameaça se tornar uma regra, ao invés de uma exceção. E é preciso obstá-lo! Agora que uma opinião se formou a esse respeito, o perigo não é de se temer senão relativamente aos inexperientes. Àqueles, pois, que se queixarem de ter sido enganados, ou de não haver obtido as respostas que desejariam, podemos dizer: “Se tivésseis estudado o Espiritismo saberíeis em que condições ele pode ser experimentado com frutos; saberíeis quais são os legítimos motivos de confiança e de desconfiança, o que, em suma, se pode dele esperar; e não teríeis pedido o que ele não pode dar; não teríeis ido consultar um médium como a um cartomante, para solicitar aos Espíritos revelações, conselhos sobre heranças, descobertas de tesouros e cem outras coisas semelhantes que não são de alçada do Espiritismo. Se fostes induzido em erro, deveis apenas culpar-vos a vós mesmos”.

É evidente que não se pode considerar uma exploração a mensalidade que se paga a uma sociedade, para que enfrente as despesas de sua manutenção. Outrossim, a mais vulgar equidade diz que não se pode impor esse gasto a pessoas que não dispõem de possibilidades financeiras ou de tempo para a freqüência contínua como associados. A especulação consiste em se fazer uma indústria de situação, em convocar o primeiro que surge, curioso ou indiferente, para exigir seu dinheiro. Uma sociedade que assim agisse seria tão repreensível, ou mais repreensível ainda, do que o indivíduo, e não mereceria nenhuma confiança. Uma entidade espírita deve prover às suas necessidades; ela deve dividir entre todos suas despesas e nunca lançá-las aos ombros de um só; isso é justo e não existe nesse critério nem exploração, nem especulação. Todavia o caso não seria idêntico se o

primeiro que se apresentasse pudesse adquirir, através de pagamento, o direito de entrada, pois isso seria desnaturar a finalidade essencialmente moral e instrutiva das reuniões desse gênero, para delas fazer um espetáculo de curiosidade.¹¹

Quanto aos médiuns, eles se multiplicam de tal forma que os profissionais seriam, hoje, completamente supérfluos.

Tais são, senhores, as idéias que me esforcei por fazer prevalecer e confesso-me feliz por ter obtido êxito muito mais facilmente do que teria esperado. Mas compreendei, aqueles que frustrei em suas esperanças não são meus amigos. Eis-nos, pois, em presença de um grupo que não me pode ver com bons olhos, o que, convenhamos, pouco me inquieta. Se nunca a exploração do Espiritismo tentou se introduzir em vossa cidade, eu vos convido a renegar essa nova indústria, a fim de não comprometerdes a vós mesmos com essa solidariedade e para que as censuras que se levantarem não venham a cair sobre a doutrina pura.

Ao lado da especulação material, há aquela à qual poderíamos chamar *especulação moral*, isto é, a satisfação do orgulho, do amor próprio. É o caso dos que acreditam, sem interesse pecuniário, ser possível fazer do Espiritismo um pedestal honorífico para se colocarem em evidência. Tão pouco os favoreci em meus escritos e, por outro lado, meus conselhos contrapuseram-se a mais de uma premeditação, provando que as qualidades do verdadeiro espírita são a abnegação e a humildade, conforme a máxima do Cristo: “*Quem exalta será humilhado*”. Este é o segundo grupo que, igualmente, não me pode apreciar. Nele se encontram os portadores das ambições frustradas e dos amores-próprios melindrados.

Em seguida é a vez das pessoas que não me perdoam o fato de ter sido bem sucedido, para as quais o sucesso de minhas obras é uma causa de desgosto, que perdem o sono quando assistem aos testemunhos de simpatia que, espontaneamente, me são dispensados. É a faixa do ciúme, reforçada por todos aqueles que, por temperamento, não toleram ver um homem erguer um pouco a cabeça sem tentar um movimento de fazê-lo submergir.

Um grupo não menos irascível, acreditai, é constituído por médiuns, não por médiuns interesseiros, mas, pelo contrário, desinteressados, materialmente falando-se. Refiro-me aos médiuns obsediados, ou melhor, fascinados. Algumas observações a esse respeito não deixam de ter sua utilidade.

Por orgulho estão de tal forma persuadidos de que tudo quanto recebem é sublime e só pode vir dos Espíritos superiores, que se irritam com a menor observação crítica, a ponto de se malquistarem com seus amigos quando estes têm a inabilidade de não admirar o que lhes parece absurdo. Nisto reside a prova da má influência que os domina, pois, supondo-se que, por falta de capacidade de julgamento ou de conhecimento não fossem capazes de enxergar claro, este não constituiria um motivo para se porem de prevenção contra os que não se acham em idêntica posição. Todavia essa é a tarefa dos Espíritos obsessores que, para melhor manter o médium sob sua dependência, induzem-no ao afastamento, mesmo à aversão por quem quer que possa lhes abrir os olhos.

Há ainda os que são dotados de uma susceptibilidade levada ao excesso. Agastam-se com as mínimas coisas, mesmo com o lugar que lhes é destinado em uma reunião, se este não é de bastante evidência, com a ordem estabelecida para a leitura das comunicações, ou com o fato de se recusar a leitura daquelas cujo tema não parece oportuno ao momento. Alguns aborrecem-se quando não são convidados, com bastante insistência, a dar o seu concurso, outros se agastam porque a ordem dos trabalhos não é invertida, de modo a favorecer suas conveniências. Há os que gostariam de se considerar médiuns titulares de um grupo ou de uma sociedade, ser aí senhores de barão e cutelo, pretendendo que *seus Espíritos guias* sejam tomados por árbitros infalíveis de todas as questões, etc.. Esses motivos são tão pueris e tão mesquinhos, que nenhum deles ousa confessá-los. Mas nem por isso deixam de constituir uma fonte de surda animosidade que, cedo ou tarde, se trai, ou pelas mal-querenças ou pelo afastamento. Sem ter razões ponderáveis a oferecer, muitos põem de lado os escrúpulos e apresentam pretextos ou alegações imaginárias. O fato de, absolutamente, não me conformar a essas

pretensões surge como um erro, ou melhor ainda, um crime aos olhos de algumas pessoas que, naturalmente, me deram as costas, gesto esse ao qual, mais uma vez reagi – a seu ver – erroneamente, não lhes dando maior importância. Tudo isso é *imperdoável!* Concebei esta palavra nos lábios de pessoas que se dizem espíritas? Eis aqui uma palavra que deveria ser riscada do vocabulário espírita!

A maior parte dos diretores dos grupos ou das sociedades, como eu, tem experimentado esse desagrado, e eu os convido a tomar minha atitude, isto é, não dar importância a médiuns que constituem antes um entrave que um recurso. Em sua presença está-se sempre pouco à vontade, no temor de os ferir com ações por vezes as mais insignificantes.

Esse inconveniente foi, dantes, mais relevante do que agora. Quando os médiuns eram mais raros do que hoje, tinha-se de se contentar com aqueles de que se dispunha. Hoje, entretanto, que eles se multiplicam diante de nossos olhos, o inconveniente diminui em razão mesmo da escolha e à medida que se compenetra melhor dos verdadeiros princípios da doutrina.

Pondo-se de lado o grau da faculdade, as qualidades de um bom médium são a modéstia, a simplicidade e o devotamento. O médium deve oferecer seu concurso tendo em vista ser útil e não para satisfazer a sua vaidade. Não deve nunca ater-se às comunicações que recebe, pois de outra forma poderia fazer crer que nelas põe algo de seu, algo que tem interesse em defender. Deve aceitar a crítica, mesmo solicitá-la, e se submeter às advertências da maioria sem intenções calculadas. Se o que recebe é falso, mau, detestável, tudo isso é preciso que se lhe diga sem receio de feri-lo, e mesmo na certeza de que tal não ocorrerá. Eis os médiuns verdadeiramente úteis a um grupo e com os quais nunca teremos motivos de descontentamentos, pois que bem compreendem a doutrina. São, igualmente, esses que recebem as melhores comunicações, uma vez que não se deixam dominar pelos Espíritos orgulhosos. Os Espíritos mentirosos os receiam, pois que se reconhecem impotentes para deles abusar. Quanto aos outros, ou não compreendem a doutrina ou não a querem compreender.

Em seguida vem a categoria das pessoas que jamais estão contentes. Algumas acham que procedo com certa lentidão, outros com abusiva celeridade. É como na fábula do *Moleiro, seu filho e o asno*. Os primeiros reprovam-me por haver formulado princípios prematuros, de me colocar como chefe de uma escola filosófica. Mas acontece que, pondo-se a idéia espírita à parte, não poderia eu acaso arrogar-me, como tantos outros, a autoria de um sistema filosófico, fosse ele o mais absurdo?

Se os meus princípios são falsos, por que não apresentam outros que os substituam, fazendo-os prevalecer? Ao que parece, entretanto, de modo geral eles não são julgados irracionais, já que encontram aderentes em tão grande número. Mas não será exatamente isso que excita o mau humor de certas pessoas? Se esses princípios não encontrassem partidários, se fossem ridículos a partir do primeiro enunciado, seguramente, deles não sealaria.

E quanto aos outros, os que pretendem que não avanço bastante rapidamente, esses desejariam me empurrar – com boa intenção, quero crer, pois é sempre melhor pressupor o melhor que o pior – em um caminho onde não quero me arriscar. Sem, pois, me deixar influenciar, seja pelas idéias de uns, seja pelas de outros, sigo a rota que eu mesmo tracei: tenho um objetivo, vejo-o, sei como e quando o atingirei e não me inquietam os clamores dos que passam por mim.

Crede, senhores, as pedras não faltam em meu caminho! Passo por cima delas, mesmo das mais altas e pesadas. Se se conhecesse a verdadeira causa de certas antipatias e de certos afastamentos, muitas surpresas nos aguardariam!

É ainda preciso, entretanto, mencionar as pessoas que são postas, relativamente a mim, em posições falsas, ridículas e comprometedoras e que procuram se justificar, em última instância, recorrendo a pequenas calúnias: os que esperavam seduzir-me pelos elogios, crendo poder levar-me a servir aos seus desígnios e que reconheceram a inutilidade de suas manobras para atrair minha atenção; aqueles que não elogiei nem incensei e que isso esperavam de mim; aqueles, enfim, que não

me perdoam por ter *adivinhado* suas intenções e que são como a serpente sobre a qual se pisa. Se todas essas pessoas decidissem se colocar, por um instante sequer, em uma posição extraterrena e ver as coisas um pouco mais do alto, compreenderiam bem a puerilidade daquilo que as preocupa e não se espantariam com a pouca importância que a tudo isso dão os verdadeiros espíritas. É que o Espiritismo abre horizontes tão vastos, que a vida corporal, curta e efêmera, se apaga com todas as suas vaidades e suas pequenas intrigas, ante o infinito da vida espiritual.

Não devo, entretanto, omitir uma censura que me foi endereçada: a de nada fazer para trazer de novo a mim as pessoas que se afastam. Isso é verdadeiro e a reprovação fundamentada. Eu a mereço, pois jamais dei um único passo nesse sentido e aqui estão os motivos de minha indiferença.

Aqueles que de mim se aproximam, fazem-no porque isto lhes convém; é menos por minha pessoa do que pela simpatia que lhes desperta os princípios que professo. Os que se afastam fazem-no porque não lhes convenho ou porque nossa maneira de ver as coisas reciprocamente não concorda. Por que, então, iria eu contrariá-los, impondo-me a eles? Parece-me mais conveniente deixá-los em paz. Ademais, honestamente, careço-me tempo para isso. Sabe-se que minhas ocupações não me deixam um instante para o repouso. Além disso, para um que parte, há mil que chegam. Julgo um dever dedicar-me, acima de tudo, a estes e é isso que faço. Orgulho? Desprezo por outrem? Oh! Não! Honestamente, não! Eu não desprezo ninguém; lamento os que agem mal, rogo a Deus e aos bons Espíritos que façam nascer neles melhores sentimentos. E isso é tudo. Se retornam, são sempre recebidos com júbilo. Mas correr ao seu enalço, isso não me é possível fazer, mesmo em razão do tempo que de mim reclamam as pessoas de boa vontade, e, depois, porque não empresto a certos indivíduos a importância que eles a si próprios atribuem. Para mim, um homem é um homem, isto apenas! Meço seu valor por seus atos, por seus sentimentos, nunca por sua posição social. Pertença ele às mais altas camadas da sociedade, se age mal, se é egoísta e negligente de sua dignidade, é, a meus olhos, inferior ao trabalhador que procede

corretamente e eu aperto mais cordialmente a mão de um homem humilde, cujo coração estou a ouvir, do que a de um potentado cujo peito emudeceu. A primeira me aquece, a segunda me enregela.

Homens da mais alta posição honram-me com sua visita, porém nunca, por causa deles, um proletário ficou na antecâmara. Muitas vezes, em meu salão, o príncipe se assenta ao lado do operário. Se se sentir humilhado, dir-lhe-ei simplesmente que não é digno de ser espírita. Mas sinto-me feliz em dizer, eu os vi, muitas vezes, apertarem-se as mãos, fraternalmente, e então um pensamento me ocorria: “Espiritismo, eis um dos teus milagres; este é o prenúncio de muitos outros prodígios!”

Dependeria de mim abrir as portas da alta sociedade, porém nunca fui nelas bater. Isso exigiria um tempo que prefiro empregar mais utilmente. Coloco em primeira instância o consolo que é preciso oferecer aos que sofrem, erguer a coragem dos caídos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no limiar do crime! Não vale mais isto do que os lambris doirados? Guardo milhares de cartas que para mim mais valem do que todas as honrarias da Terra e que olho como verdadeiros títulos de nobreza. Assim, pois, não vos espanteis se deixo partir aqueles que me dão as costas.

Tenho adversários, eu sei! Mas o número deles não é tão grande quanto poderia fazer supor a enumeração mencionada. Eles se encontram nos grupos que citei, mas são apenas indivíduos isolados e seu número pouca coisa é em comparação com os que desejam testemunhar-me sua simpatia. Além disso nunca conseguiram perturbar-me o repouso, nem uma vez sequer suas maquinações, suas diatribes me emocionaram e devo acrescentar que essa profunda indiferença de minha parte, o silêncio que oponho aos seus ataques, não é o que os exaspera menos. Por mais que façam, jamais conseguirão fazer-me sair da moderação e da regra que tenho por conduta. Nunca se poderá dizer que respondi à injúria com injúria. As pessoas que me conhecem na intimidade podem dizer se jamais os mencionei, se alguma vez, na Sociedade, foi dita uma única palavra, foi feita

uma única alusão relativamente a qualquer um deles. Mesmo pela *Revista*, jamais respondi às suas agressões, se dirigidas à minha pessoa, e Deus sabe que elas não têm faltado!

De que adianta, ademais, seu malquerer? De nada! Nem contra a doutrina nem contra mim. A Doutrina Espírita prova, por sua marcha progressiva, que nada tem a temer. Quanto a mim, não ocupo nenhuma posição, por isso nada existe que me pode ser tirado, não peço nada, nada solicito e, assim, nada me pode ser recusado. Não devo nada a ninguém, desse modo nada há que me possa ser cobrado; não falo mal de ninguém, nem mesmo daqueles que o dizem de mim. Em que poderiam, então, prejudicar-me? É certo que se pode atribuir a mim o que eu não disse e isso já se fez mais de uma vez. Mas aqueles que me conhecem são capazes de distinguir o que digo daquilo que não sou capaz de dizer e eu agradeço a quantos, em semelhantes circunstâncias, souberam responder por mim. O que afirmo estou sempre pronto a repetir, na presença de quem quer que seja, e quando afirmo não ter dito ou feito uma coisa, julgo-me no direito de ser acreditado.

Ademais, o que representa tudo isso em face do objetivo que nós, os espíritas sinceros e devotados, perseguimos conjuntamente? Desse futuro imenso que se desenrola diante dos nossos olhos? Acreditai-me, senhores, fora preciso ver como um roubo perpetrado contra a grande obra, os instantes que perdêssemos preocupados com essas mesquinharias. De minha parte agradeço a Deus por me haver, já aqui na Terra, concedido tantas compensações morais ao preço de tribulações tão passageiras, bem como pela alegria de assistir ao triunfo da Doutrina Espírita.

Peço-vos perdão, senhores, por vos haver, por tão longo tempo, entretido com assuntos relativos a mim, mas acredito útil estabelecer nitidamente essa posição, a fim de que vos seja possível saber em quem acreditar, de conformidade com as circunstâncias, e para que possais estar convencidos de que minha linha de conduta está traçada e que dela nada me fará desviar. De resto, creio que dessas observações – abstração feita de minha pessoa – poderão resultar alguns ensinamentos úteis.

Passemos agora a um outro ponto e vejamos a posição em que se encontra o Espiritismo.

Discurso II

O Espiritismo apresenta um fenômeno desconhecido na história da filosofia: a rapidez de sua propagação. Nenhuma outra doutrina oferece exemplo semelhante. Quando se afere o progresso que vem sendo feito, ano após ano, pode-se, sem nenhuma presunção, prever a época em que ele será a crença universal.

A maioria dos países estrangeiros participam do movimento: Áustria, Polônia, Rússia, Itália, Espanha, Constantinopla, etc., contam numerosos adeptos e várias sociedades perfeitamente organizadas. Possui uma relação onde estão arroladas mais de cem cidades, com grupos em funcionamento. Entre elas, Lyon e Bordeaux ocupam o primeiro lugar. Honremos, pois, essas duas cidades, que se impõem por sua população e sua cultura e onde tão alto e tão firmemente foi hasteada a bandeira do Espiritismo. Muitas outras ambicionam caminhar em suas pegadas.

A esse mesmo respeito palestrei com vários viajantes. Todos estão de acordo em dizer que, a cada ano, registram-se progressos na opinião pública. Os galhofeiros diminuem à vista d'olhos. Mas ao escárnio sucede a cólera. Ontem riam-se, hoje zangam-se. De acordo com um velho provérbio, isso é de bom augúrio e leva os incrédulos a concluir que à questão deve estar implícito um motivo sério qualquer.

Um fato não menos característico é que tudo quanto os adversários do Espiritismo fizeram para entravar sua marcha, longe de detê-lo, ativou o seu progresso. E pode-se afirmar que, por toda parte, esse progresso está em relação aos ataques sofridos. A imprensa o enalteceu? Todos sabemos que, longe de estender-lhe as mãos, ela lhe tem deitado aos pés; e com isso não conseguiu senão fazê-lo avançar. O mesmo ocorre relativamente aos ataques que, em geral, lhe têm sido endereçados.

Há, pois, com referência ao Espiritismo, um fenômeno que se constitui em uma constante: é que, sem o recurso de qualquer um dos meios habitualmente empregados para alcançar o que se denomina um sucesso, e apesar dos entraves que lhe têm sido

impostos, ele não cessa de ganhar terreno, todos os dias, como para dar um desmentido àqueles que predizem seu fim próximo. Será isso uma presunção, uma fanfarrice de nossa parte? Não, trata-se de um fato impossível de ser negado. Ele hauriu sua força em si mesmo, o que prova o poder incoercível dessa idéia. Aqueles a quem isso contraria, pois, farão melhor mudando de partido ou se resignando a deixar passagem franca ao que não podem deter. O caso é que o Espiritismo é uma idéia e quando uma idéia caminha, ela derruba todas as barreiras; não se pode detê-la nas fronteiras, como um pacote de mercadoria. Queimam-se livros, mas não se queimam idéias, e suas próprias cinzas, levadas pelo vento, fazem fecundar a terra onde ela deve frutificar.

Todavia não basta lançar uma idéia ao mundo para que ela crie raízes. Não, certamente! Não se cria à vontade opiniões ou hábitos; o mesmo ocorreu relativamente às invenções e descobertas; mesmo a mais útil se perde se não chega a seu tempo, se a necessidade que está destinada a satisfazer não existe ainda. O mesmo ocorre quanto às doutrinas filosóficas, políticas, religiosas e sociais; é preciso que os Espíritos estejam maduros para aceitá-las. Se chegam muito cedo permanecem em estado latente e, como os frutos plantados fora da estação, não vingam.

Se, pois, o Espiritismo encontra tão numerosas simpatias, é que o seu tempo está chegado, é que os Espíritos estão maduros para recebê-lo, é que ele responde a uma necessidade, a uma aspiração. Tendes disso a prova pelo número, hoje incontável, de pessoas que o acolhem sem estranheza, como algo de muito natural, a partir do momento que se lhes fala a respeito pela primeira vez. E confessam que tudo sempre lhes pareceu ser assim, mas que não eram capazes de definir suas idéias. Sente-se o vazio moral que a incredulidade e o materialismo criam em torno do homem; compreende-se que essas doutrinas cavam um abismo para a sociedade; que destroem os laços mais sólidos: os da fraternidade. E, depois, instintivamente, o homem tem horror ao nada, como a natureza tem horror ao vazio. Eis porque ele acolhe com alegria a prova de que o nada não existe.

Mas dir-se-á, não se lhe ensinou, todos os dias, que o nada não existe? Sem dúvida, isso lhe foi ensinado! Mas, então, como entender que a incredulidade e a indiferença tenham incessantemente crescido neste último século?

É que as provas oferecidas não satisfazem mais, hoje em dia, pois não respondem às necessidades de sua inteligência. O progresso científico e industrial tornou o homem positivo. Este quer se dar conta de tudo. Quer saber o *porquê* e o *como* de cada coisa. Compreender para crer se tornou uma necessidade imperiosa. Eis o motivo pelo qual a fé cega já não possui domínio sobre ele. E isso para uns é um mal, para outros um bem. Sem desejar discutir a questão, diremos apenas que assim é a lei da natureza. A humanidade coletivamente, como os indivíduos, tem sua infância e sua idade madura. Quando se encontra na maturidade, atira à distância seu cueiro e quer fazer uso de suas próprias forças, isto é, de sua inteligência. Fazê-la retroceder é tão impossível quanto obrigar um rio a retornar às suas fontes.

Atacar o mérito da fé cega, dir-se-á, é uma impiedade, pois que Deus quer que se aceite sua palavra sem exame. A fé cega teve sua razão de ser, direi mesmo sua necessidade, mas em um certo período da história da humanidade. Se hoje ela não basta mais para fortalecer a crença, é porque está na natureza da humanidade que assim deve ser. Ora, quem fez as leis da natureza? Deus ou Satã? Se foi Deus, não haverá impiedade em seguir-se suas leis. Se, na atualidade, compreender para crer se tornou uma necessidade para a inteligência, como beber e comer é uma necessidade para o estômago, é que Deus quer que o homem faça uso de sua inteligência: de outro modo não tê-la-ia dado. Há pessoas que não experimentam essa necessidade, que se contentam em crer sem exame. Não as recriminamos e longe está de nós o pensamento de perturbá-las em sua tranqüilidade. O Espiritismo, evidentemente, não se destina a elas: se têm tudo o de que necessitam, nada há a oferecer-lhes. Não se obriga a comer à força àqueles que declaram não ter fome. O Espiritismo está destinado àqueles para os quais o alimento intelectual que lhes é dado não basta e o número destas pessoas é tão grande que

o tempo não sobra para nos ocuparmos com as outras. Por que, então, se queixam quando não lhes corremos ao encalço? O Espiritismo não procura ninguém, não se impõe a ninguém, limita-se a dizer: “Aqui me tendes, eis o que sou, eis o que trago. Os que julgam ter necessidade de mim, se aproximem, os demais permaneçam onde se encontram. Não é meu propósito perturbar-lhes a consciência nem injuriá-los. A única coisa que peço é a reciprocidade.

Por que, então, o materialismo tende a suplantar a fé? Acaso porque, até o presente, a fé não raciocina? Por que ela diz “Crede!”, enquanto o materialismo raciocina? Estes são sofismas, convenho; porém, boas ou más, são razões que, ao ver de muitos, levam vantagem sobre aqueles que nada oferecem. Acrescentai a isto que o materialismo satisfaz àqueles que se comprazem na vida material, que querem se distrair das conseqüências do futuro, que esperam, assim, escapar à responsabilidade de seus atos, tendo-se em vista que, em suma, ele é eminentemente favorável à satisfação de todos os apetites brutais. Na incerteza do futuro, o homem se diz: “Aproveitemos o presente. Que benefício me trazem os meus semelhantes? Por que me sacrificar por eles? São meus irmãos, diz-se. Mas de que me servem irmãos que eu perderei para sempre, que amanhã estarão mortos, como eu próprio? Que somos, afinal, uns para com os outros? Muito pouco se, uma vez mortos, nada resta de nós. De que servirá impor-me privações? Que compensação dela me poderá advir se tudo terminará comigo?”

Julgais possível fundar uma sociedade sobre as bases da fraternidade com semelhantes idéias? O egoísmo é a conseqüência natural de uma posição como essa. De acordo com o egoísmo, cada um tira o melhor para si, mas essa parte melhor é sempre o mais forte que leva. O fraco, por sua vez, raciocinará: “Sejamos egoístas, uma vez que os outros também o são. Pensemos apenas em nós, pois que os outros só pensam em si mesmos.”

Tal é, convenhamos, o mal que tende a invadir a sociedade moderna e esse mal, como um verme roedor, pode arruiná-la em seus fundamentos. Oh!, qual não será a culpa dos que a levam

por esse triste caminho, dos que se esforçam por rechaçar a crença, dos que preconizam o presente com prejuízo do futuro! Eles terão um terrível débito a resgatar, pelo uso que fizeram de sua inteligência!

E, enquanto isso, a incredulidade deixa em seu rastro um mar de inquietude. Se é cômodo ao homem entregar-se às ilusões, não pode furtar-se de pensar, vez por outra, no que lhe sucederá depois. A contragosto a idéia do nada o enregela. Queria ter uma certeza e não a encontra; então flutua, hesita, duvida, e a incerteza o mortifica. Sente-se desgraçado em meio aos prazeres materiais que não podem preencher o abismo do nada que se abre a seus pés e onde, supõe, vai ser precipitado.

É nesse momento que chega o Espiritismo, como uma âncora salvadora, como um archote aceso nas trevas de sua alma. Vem tirá-lo da dúvida, vem preencher o horror do vazio, não com uma esperança vaga, porém com provas irrecusáveis, resultantes da observação dos fatos. Vem reanimar sua fé, não apenas dizendo: “Crede, pois isso vos ordeno!”, mas: “Vede, tocai, compreendei e crede!”. Ele não poderia, pois, chegar em momento mais oportuno, seja para deter o mal, antes que se torne incurável, seja para satisfazer às necessidades do homem, que já não crê sob palavra, que aspira racionalizar aquilo em que crê. O materialismo o seduzira por seus falsos raciocínios; aos seus sofismas era preciso opor raciocínios sólidos, apoiados em provas materiais. Para essa luta, a fé cega já se mostrava impotente. Eis por que digo que o Espiritismo veio a seu tempo.

O que falta ao homem é, pois, a fé no futuro! E a idéia que se lhe dá não satisfaz ao seu apetite pelo positivo. É por demais vaga, por demais abstrata. Os laços que o prendem ao presente não são bastante definidos. O Espiritismo, pelo contrário, nos apresenta a alma como um ser circunscrito, semelhante a nós, exceção feita ao envoltório material do qual se desprende, mas revestida de um outro envoltório, fluídico, o que é mais compreensível e leva a conceber melhor a individualidade. Mais do que isso, ele prova, pela experiência, as relações incessantes do mundo visível com o mundo invisível, que se tornam, assim, reciprocamente solidários. As relações da alma com o ambiente

terreno não cessam com a vida; a alma em estado de Espírito constitui uma das engrenagens, uma das forças vivas da natureza, já não é um ser inútil, que não pensa e não tem senão uma íntima ação durante a eternidade. É sempre, e por toda parte, um agente ativo da vontade de Deus para a execução de suas obras. Assim, conforme a Doutrina Espírita, tudo se concatena, tudo se encadeia no Universo, e nesse grande movimento, admiravelmente harmonioso, as afeições sobrevivem. Longe de se extinguirem, elas se fortificam e se depuram.

Ainda que não houvesse aqui senão um sistema, ele teria sobre os outros a vantagem de ser mais sedutor, embora sem oferecer certeza. Todavia é o próprio mundo invisível que se vem revelar a nós, provar que está, não em regiões do espaço inacessíveis mesmo ao pensamento, mas aqui, ao nosso lado, em torno de nós, e que vivemos em meio dele, como um povo de cegos em meio a um outro, capaz de ver. Isso pode perturbar certas idéias, convenhamos. Mas diante de um fato, queiramos ou não, temos de nos inclinar. Poder-se-á negar tudo isso, poder-se-á querer provar que não pode ser assim. A provas palpáveis, seria o caso de opor provas mais palpáveis ainda. Todavia o que se oferece? Apenas a negação!

O Espiritismo apóia-se sobre fatos. Os fatos, de acordo com o raciocínio e uma lógica rigorosos, dão ao Espiritismo o caráter de positivismo que convém à nossa época. O materialismo veio minar toda a crença, solapar os alicerces, substituir a moral pela razão de ser e jogar por terra os próprios fundamentos da sociedade, proclamando o reino do egoísmo. Então os homens sérios se perguntaram para onde um tal estado de coisas nos conduziria e viram um abismo. Eis que o Espiritismo veio preenchê-lo, dizendo ao materialismo: Não irás muito longe, pois aqui estão os fatos que provam a falsidade de teus raciocínios.

O materialismo ameaçava fazer a sociedade mergulhar em trevas, afirmando aos homens: O presente é tudo, o futuro não existe.

O Espiritismo corrige a distorção afirmando: O presente é bem pouco, mas o futuro é tudo. E isto ele o prova.

Um adversário escreveu, de certa feita, em um jornal, que o Espiritismo é cheio de seduções. Ele não podia, involuntariamente, dirigir-lhe um elogio maior, ao mesmo tempo condenando-se de maneira mais peremptória. Dizer que uma coisa é sedutora é, na verdade, dizer que ela satisfaz. Ora, eis aqui o grande segredo da propagação do Espiritismo. Por que não lhe opõem algo de mais sedutor, para suplantá-lo? Se tal não se faz é porque não se tem nada de melhor a oferecer. Por que ele agrada? É muito fácil explicar.

Ele agrada:

- 1) porque satisfaz à aspiração instintiva do homem em relação ao futuro;
- 2) porque apresenta o futuro sob um aspecto que a razão pode admitir;
- 3) porque a certeza da vida futura faz com que o homem enfrente com paciência as misérias da vida presente;
- 4) porque, com a doutrina da pluralidade das existências, essas misérias revelam uma razão de ser, tornam-se explicáveis e, ao invés de ser atribuídas à Providência, em forma de acusação, passam a ser justificáveis, compreensíveis e aceitas sem revolta;
- 5) porque é um motivo de felicidade saber que os seres que amamos não estão perdidos para sempre, que os encontraremos e que estão constantemente junto de nós;
- 6) porque as orientações dadas pelos Espíritos são de molde a tornar os homens melhores em suas relações recíprocas; estes e, além destes, outros motivos que só os espíritas podem compreender.

Em contrapartida, que sedução oferece o materialismo? O nada! Nele todo o consolo que apresenta para as misérias da vida.

Com tais elementos, o futuro do Espiritismo não pode ser duvidoso e, todavia, se devemos nos surpreender com alguma coisa, será com o fato de que tenha franqueado um caminho tão rápido através dos preconceitos. Como e por que meios alcançará a transformação da humanidade é o que nos resta examinar.

Discurso III

Quando se considera o estado atual da sociedade, é-se tentado a olhar sua transformação como um milagre. Pois muito bem! Esse é o milagre que o Espiritismo deve e pode realizar, pois que está nos desígnios de Deus, e isto com o auxílio de uma divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Tome a sociedade humana essa máxima por emblema, conforme a ela sua conduta, substituindo-a por esta outra, que está na ordem do dia: *A caridade bem ordenada é a parte dos outros para nós*, e tudo se modificará. Toda a questão será fazer esse lema aceito.

A palavra *caridade*, vós o sabeis, senhores, tem uma acepção muito extensa. Há caridade em pensamentos, em palavras, em atos. Ela não é tão somente a esmola. O homem é caridoso em pensamentos sendo indulgente para com as faltas do próximo. a caridade em forma de palavra nada diz que possa prejudicar a outrem. A caridade em ações assiste ao próximo na medida de suas forças. O pobre que partilha seu pedaço de pão com o companheiro mais carecente do que ele é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que o rico que dá do seu supérfluo sem de nada se privar. Quem alimenta contra seu próximo sentimentos de ira, de animosidade, de ciúme, de rancor, falta com a caridade. A caridade é a antítese do egoísmo. Este é a exaltação da personalidade, aquela a sublimação da personalidade. Ela diz: *Para vós em primeiro lugar, para mim depois*. E o egoísmo diz: *Para mim antes e para vós se sobrar*. A primeira está toda inteira nesta frase de Cristo: “Fazei aos outros o que quiserdes que vos façam”. Em uma palavra, ela se aplica a todas as relações pessoais. Admiti: se todos os membros de uma sociedade agissem de conformidade com esse princípio, haveria menos decepções na vida. Uma vez que dois indivíduos estão reunidos, contratam, por força disso mesmo, deveres recíprocos. Se desejam viver em paz, estão obrigados a se fazerem concessões recíprocas. Esses deveres aumentam com o número dos indivíduos; as aglomerações constituem-se em todos-coletivos que têm também suas obrigações respectivas. Tendes, pois, além das relações de indivíduo a indivíduo, as relações de

cidades para com cidades, de estados para com estados, de países para com países. Essas relações podem ter duas motivações que são a negação uma da outra; o egoísmo e a caridade, pois que há também egoísmo nacional. O egoísmo faz com que o interesse pessoal prevaleça acima de tudo. Cada pessoa arrebatada o que pode para si, o semelhante é visto apenas como um antagonista, um rival que pode se intrometer em nosso caminho, que podemos explorar ou que pode nos explorar. A vitória pertencerá ao mais sagaz e a sociedade – coisa triste de dizer – consagra comumente essa vitória, o que faz com que ela se divida em duas áreas principais: os explorados e os exploradores. Disso resulta um antagonismo perpétuo, que faz da vida um tormento, um verdadeiro inferno. Substitua-se o egoísmo pela caridade e tudo será diferente. Ninguém procurará fazer mal ao seu vizinho, as iras e os ciúmes se extinguirão à falta do que os alimente e os homens viverão em paz entreajudando-se ao invés de mutuamente se despedaçando. Se a caridade substituir o egoísmo, todas as instituições sociais passarão a ter por alicerce o princípio da solidariedade e da reciprocidade. O forte protegerá o fraco ao invés de explorá-lo.

Muitas pessoas poderão dizer: Eis um belo sonho! Infelizmente é apenas um sonho. O homem é egoísta por natureza, por necessidade, e para sempre será assim. Mas se tal proposição é verdadeira – o que seria realmente muito triste! –, é de se perguntar com que finalidade o Cristo veio até nós, pregando a caridade aos homens. Com igual resultado teria pregado aos animais. Todavia examinemos a questão.

Há progresso do selvagem ao homem civilizado? Não se procura, diariamente, melhorar os costumes dos selvagens? Mas com que finalidade, se o homem é incorrigível? Estranha bizzarria! Estais certos de educar os selvagens e acreditais que o homem civilizado não pode melhorar. Se o homem civilizado tivesse a pretensão de ter atingido o último limite do progresso acessível à espécie humana, bastaria comparar os costumes, caráter, a legislação, as instituições sociais de hoje com as de outrora. E, entretanto, os homens de outrora, também eles, supunham ter alcançado o último degrau. O que teria respondido

um grã senhor ao tempo de Luís XIV se lhe tivessem dito que poderia dispor de uma ordem social melhor, mais justa, mais humana do que a vigente então; se lhe afirmassem que o regime mais eqüitativo se caracterizaria pela abolição dos privilégios de classe e a igualdade do grande e do pequeno diante da Lei? O audacioso que isso proclamasse, certamente bem caro pagaria a sua temeridade.

Disso concluímos que o homem é eminentemente perfectível e que os mais adiantados hoje parecerão atrasados dentro de alguns séculos. Negar esse fato será negar o progresso, que é uma lei da natureza.

Embora o homem tenha progredido do ponto de vista moral, é preciso, entretanto, convir que esse progresso se realizou, mais acentuadamente, no sentido intelectual. Por que motivo? Eis aqui um outro problema que foi dado ao Espiritismo explicar, mostrando que a moral e a inteligência são dois caminhos que raramente seguem juntos. Quando o homem dá alguns passos num deles, se retarda no outro. Todavia, mais tarde, torna a ganhar o terreno que havia perdido e as duas forças acabam por se equilibrar, através de sucessivas reencarnações. O homem chegou a uma fase em que as ciências, as artes e as indústrias atingiram um alcance até hoje desconhecido. Se a satisfação que delas tira satisfaz à vida material, deixa um vazio na alma: ele aspira qualquer coisa de superior, sonha com melhores instituições, deseja a vida, a felicidade, a igualdade, a justiça para todos. Mas como atingir tudo isso com os vícios da sociedade e, sobretudo, com o egoísmo imperando? O homem sente, pois, a necessidade do bem para ser feliz, compreende que só o reino do bem pode lhe dar a felicidade pela qual aspira. Esse reinado ele o pressente pois, intuitivamente, crê na justiça de Deus e uma voz secreta lhe diz que uma nova era vai se iniciar.

Como ocorrerá isso? Ora, se o reino do bem é incompatível com o egoísmo, é preciso que o egoísmo seja destruído. Mas o que pode destruí-lo? A predominância do sentimento do amor, que leva os homens a se tratarem como irmãos e não como inimigos. *A caridade é a base, a pedra angular de todo o edifício social.*¹² Sem ela o homem construirá sobre a areia. Assim sendo,

urge que os esforços e, sobretudo, os exemplos de todos os homens de bem a difundam; e que eles não se desencorajem ao defrontarem as recrudescências das más paixões. Elas são os inimigos do bem. Ganhando terreno, lançam-se contra ele; mas está nos desígnios de Deus que, por seus próprios excessos, elas se destruam. O paroxismo de um mal é sempre o sinal de que chega ao seu fim.

Acabo de afirmar que sem a caridade o homem constrói sobre a areia. Um exemplo torna isso compreensível.

Alguns homens bem intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal em certas doutrinas de reforma social. Com pequenas diferenças, os princípios são pouco mais ou menos os mesmos em todas essas concepções, qualquer seja o nome que se lhes dê. Vida comunitária, por ser a menos onerosa; comunidade de bens para que todos tenham a sua parte; nada de riquezas, mas também nada de miséria. Tudo isso é muito sedutor para aquele que, não tendo nada, vê antecipadamente a bolsa do rico passar ao fundo comunal, sem cogitar que a totalidade das riquezas, postas em comum, criaria uma miséria geral ao invés de uma miséria parcial; que a igualdade, estabelecida hoje, seria rompida amanhã pela mobilidade da população e a diferença entre aptidões; que a igualdade permanente de bens supõe a igualdade de capacidades e de trabalho. Mas esta não é a questão. Não está em minhas intenções examinar o lado positivo e o negativo desses sistemas. Faço abstração das impossibilidades que acabo de citar e proponho olhá-los de um outro ponto de vista que, parece-me, ainda não preocupou a ninguém e que se relaciona à nossa área de cogitações.

Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não visaram senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. A finalidade é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se nesse edifício não falta a base que, só ela, poderia consolidá-lo, admitindo-se que fosse praticável.

A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade. Ela requer o devotamento mais absoluto, pois cada pessoa deve pagar de sua pessoa. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a *caridade*, isto é, o *amor ao próximo*. Entretanto é preciso reconhecer que a base da caridade é a crença: que a falta de crença conduz ao materialismo e o materialismo ao egoísmo. Um sistema que, por sua natureza, requer para sua estabilidade virtudes morais no mais supremo grau, haveria que ter seu ponto de partida no elemento espiritual. Pois muito bem, ele não o leva absolutamente em conta, já que o lado material é a sua finalidade exclusiva. Muitas dessas concepções são fundamentadas em uma doutrina materialista confessada em alto e bom som, ou sobre um panteísmo que não passa de uma espécie de materialismo disfarçado. Isso quer dizer que são enfeitadas com o nome da *fraternidade*, mas a fraternidade, assim como a caridade, não se impõe nem se decreta, é algo que existe no coração e não será um sistema que a fará nascer, se ela aí já não se encontra alojada. Ao mesmo tempo em que isto ocorre, o defeito antagônico à fraternidade arruinará o sistema e o fará cair na anarquia, já que cada pessoa querará tirar para si a melhor parte. A experiência aí está, diante de nossos olhos, para provar que eles não extinguem nem as ambições nem a cupidez. Antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa, como se formam obreiros, antes de lhes confiar um trabalho. Antes de construir, é preciso que nos certifiquemos da solidez dos materiais. Aqui os materiais sólidos são os homens de coração, de devotamento e abnegação. Sob o egoísmo, o amor e a fraternidade são, como já dissemos, palavras vazias. Assim sendo, de que maneira, sob o império do egoísmo, fundar um sistema que requeira a abnegação em um sentido tão amplo que tenha por princípio essencial a solidariedade de todos para cada um e de cada um para com todos? Alguns homens abandonaram o solo natal para ir fundar, à distância, colônias sob o regime da fraternidade. Quiseram fugir ao egoísmo que os esmagava, mas o egoísmo seguiu com eles e lá, onde se acham, encontram-se exploradores e explorados, pois que a caridade lhes falta. Acreditaram que bastasse conduzir o maior número de braços possível, sem

imaginar que, ao mesmo tempo, levavam os vermes roedores da nova instituição, arruinada tão mais rapidamente porque não tinha em si nem força moral nem força material suficientes.¹³

O que lhe faltava não eram braços numerosos, mas sólidos corações. Infelizmente muitos foram os que se lhes engajaram porque, não se tendo desincumbido a contento no que lhes fora confiado, acreditaram libertarem-se de obrigações pessoais. Viram apenas um ponto sedutor no horizonte, sem perceberem a espinhosa rota que para ele conduzia. Decepcionados em suas esperanças, reconhecendo que antes de gozar era preciso muito trabalhar, muito sacrificar, muito sofrer, tiveram por perspectiva o desencorajamento e o desespero. Sabeis o que sucedeu à maioria. Seu erro é terem querido construir um edifício começando pela cumeeira, antes de ter assentado sólidos fundamentos. Estudai a história e a causa da queda dos Estados mais florescentes e por toda parte encontrareis a mão do egoísmo, da cupidez, da ambição.

Sem a caridade, não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença. Aplicai-vos, pois, a desenvolver sentimentos que, em se afirmando, destruirão o egoísmo que vos destrói. Quando a caridade tiver penetrado as massas, quando se tiver transformado na fé, na religião da maioria, então vossas instituições se tornarão melhores pela força mesma das coisas. Os abusos, nascidos do personalismo exacerbado, desaparecerão. Ensinaí, pois, a *caridade* e, sobretudo, pregai pelo exemplo: esta é a âncora da salvação da sociedade. Só ela pode realizar o reino do bem na Terra, pois o reino do bem é o reino de Deus. Sem ela, por mais que vierdes a fazer, não criareis senão utopias das quais não vos resultarão senão decepções. Se o Espiritismo é uma verdade, se ele deve regenerar o mundo, é porque tem por base a caridade. Ele não vem derrubar qualquer culto nem estabelecer um novo. Ele proclama e prova verdades comuns a todos, base de todas as religiões, sem se preocupar com particularidades. Não vem destruir senão uma coisa: o materialismo, que é a negação de toda religião! Não vem pôr abaixo senão um templo: o do orgulho e do egoísmo! Vem,

entretanto, dar uma sanção prática a estas palavras de Cristo, que são toda a sua lei: *Amai o vosso próximo como a vós mesmos*. Não vos espanteis, pois, com o fato de ele ter por adversários os adoradores do bezerro de ouro, cujos altares veio lançar por terra. Há, naturalmente, contra ele, aqueles que julgam sua moral incômoda, aqueles que teriam, de boa vontade, pactuado com os Espíritos e suas manifestações, se os Espíritos condescendessem em diverti-los. Mas, pelo contrário, o Espiritismo veio rebaixar-lhes o orgulho, pregar-lhes a abnegação, o desinteresse, a humildade. Deixai-os, pois, dizer e fazer o que quiserem. Com isso não se modificará a marcha dos desígnios de Deus.

O Espiritismo, por sua poderosa revelação, vem, pois, acelerar a reforma social. Seus adversários, sem dúvida, rir-se-ão dessa pretensão e, todavia, ela nada tem de presunçosa. Demonstramos que a incredulidade, a simples dúvida em relação ao futuro, leva o homem a se concentrar sobre a vida presente, o que, muito naturalmente, desenvolve o sentimento do egoísmo. O único remédio para o mal é concentrar a atenção sobre um outro ponto e desenraizá-lo, por assim dizer, a fim de que, dessa forma, todos os hábitos a ele inerentes sejam modificados. O Espiritismo, provando de maneira patente a existência de um mundo invisível, leva, forçosamente, a uma ordem de idéias bem diversa, pois que dilata o horizonte moral limitado à Terra. A importância da vida corporal diminui à medida que cresce a da vida espiritual. Colocamo-nos, naturalmente, em um outro ponto de vista e o que nos parecia uma montanha não se nos afigura maior do que um grão de areia. As vaidades, as ambições, aqui na Terra, tornam-se puerilidades, brinquedos infantis em presença do futuro grandioso que nos espera. Atendo-nos menos às coisas terrestres, tendemos, igualmente, a nos satisfazer menos às expensas dos outros, de onde uma diminuição no sentimento do egoísmo.

O Espiritismo não se limita a provar o mundo invisível. Pelos exemplos que faz se desenrolarem aos nossos olhos, ele no-lo revela em sua realidade e não como a imaginação o havia feito conceber. Ele no-lo mostra povoado de seres felizes ou infelizes, porém prova que a caridade, a soberana lei do Cristo, pode aí

assegurar a paz e a alegria. Por outro lado assistimos ao espetáculo da sociedade terrena que se auto-estraga sob o império do egoísmo e que, entretanto, viveria feliz e pacífica sob o da caridade. Com a caridade tudo é, pois, benefício para o homem! Felicidade neste mundo e no outro! Não se trata mais, conforme a expressão de um materialista, do sacrifício de pessoas logradas, mas segundo a expressão do Cristo, do investimento de dinheiro que vai ser centuplicado. Com o Espiritismo o homem compreende que tem tudo a ganhar realizando o bem e tudo a perder optando pelo mal. Ora, entre a certeza (eu não direi a oportunidade!) de perder ou de ganhar, a escolha não pode ser duvidosa. Por esse motivo a propagação da idéia espírita tende, necessariamente, a tornar os homens melhores em suas mútuas relações. O que ele faz hoje, relativamente aos indivíduos, fará amanhã, em relação às massas, quando estiver difundido de maneira geral. Tratemos, pois, de torná-lo conhecido, em proveito de todos.

Prevejo uma objeção que pode ser levantada, isto é, a de que, de acordo com essas idéias, a prática do bem seria um cálculo interessado. A isso respondo dizendo que a Igreja, prometendo as alegrias do céu ou ameaçando com as chamas do inferno, conduz, ela própria, os homens, ou pela esperança ou pelo terror. O próprio Cristo ensinou que o que se dá neste mundo renderá, depois, centuplicado. Sem dúvida haverá maior mérito em fazer-se o bem espontaneamente, sem pensar em suas conseqüências, mas acontece que todos os homens não chegaram a esse estágio e vale mais praticar o bem com um estímulo do que não praticá-lo.

Ouve-se por vezes falar de pessoas que fazem o bem sem premeditação e, por assim dizer, por um impulso que lhes é próprio. Delas diz-se que não têm mérito, pois nessa realização não empenham nenhum esforço pessoal. É um erro! O homem não chega a nada sem esforço. Aquele que não precisou fazê-lo nesta existência, deve ter lutado em uma precedente e o bem acabou por se identificar com ele. Eis por que tudo parece tão natural. O bem está nele como estão, em outras pessoas, idéias que, também elas, tiveram sua fonte em um trabalho anterior. Este é ainda um dos problemas que o Espiritismo vem resolver.

Os homens de bem têm, pois, também eles, o mérito da luta. Para eles a vitória já está alcançada. Os outros têm ainda que lutar para obtê-la. Eis por que, como as crianças, carecem de um estímulo, isto é, de um objetivo a ser atingido, ou, se o quiserdes, de um prêmio a ser arrebatado.

Uma outra objeção mais séria é esta: Se o Espiritismo produz todos esses resultados, os espíritas devem ser os primeiros a deles se aproveitarem. A abnegação, o devotamento desinteressado, a indulgência para com o próximo, a abstenção absoluta de toda palavra ou de todo ato que possam ferir os outros, em uma palavra, a caridade em sua mais pura acepção, devem ser a regra invariável de sua conduta. Não devem conhecer nem o orgulho, nem o ciúme, nem a inveja, nem o rancor, nem as tolas vaidades, nem as pueris suscetibilidades do amor-próprio. Devem praticar o bem pelo bem, com modéstia e sem ostentação, praticando esta máxima do Cristo: “Que vossa mão esquerda não saiba o que dá a vossa mão direita”. Agindo desse modo, ninguém merecerá que se lhe aplique estes versos de Racine: “*Um benefício lançado em rosto vale sempre por uma ofensa*”. Enfim, a mais perfeita harmonia deve reinar entre eles. Por que, então, citam-se exemplos que parecem contradizer a eficácia dessas belas máximas?

No início das manifestações espíritas, muitos as aceitaram sem prever suas conseqüências. A maioria olhou-as como curiosas concepções, mas quando delas resultou uma moral severa, deveres rigorosos a serem executados, não faltou quem se sentisse sem forças para praticá-las e a elas se conformar. Faltou-lhes coragem, devotamento, abnegação. Nessas pessoas a natureza corporal prevaleceu sobre a espiritual. Creram, mas recuaram em face da realização. Havia, pois, na origem, apenas *espíritas*, isto é, *crentes*; a filosofia e a moral abriram a essa ciência um horizonte novo e criou os *espíritas praticantes*. Os primeiros se atrasaram na retaguarda, os segundos arremeteram-se para a frente.¹⁴

Quanto mais a moral se sublimou, mais ela fez contrastar imperfeições daqueles que se negaram a segui-la, assim como uma intensa luz faz ressaltar as sombras. Era como um espelho:

alguns não quiseram nele se olhar ou, crendo nele se reconhecerem, preferiram apedrejar aqueles que lho mostravam. Tal é, ainda hoje, a causa de certas animosidades. Todavia posso, por felicidade, dizer: estas são exceções, algumas pequenas sombras sobre o vasto panorama, e que não lhe podem alterar a luminosidade. Neste grupo encontram-se, em grande parte, os que poderíamos chamar *espíritas da primeira formação*. Quanto àqueles que se formaram depois e se formam a cada dia, *em grande maioria aceitaram a doutrina precisamente por causa de sua moral e de sua filosofia. Eis por que esforçam-se em praticá-la*. Pretender que deveriam todos se terem tornado perfeitos é desconhecer a natureza da humanidade. Mas terem-se despojado de resquícios do homem velho é sempre um progresso que, por força, se deve levar em conta. São indesculpáveis aos olhos de Deus apenas aqueles que, estando devidamente esclarecidos, não tiraram desse esclarecimento o proveito que poderiam tirar. A estes, certamente, será pedida uma conta severa, da qual sofrerão, conforme temos visto em numerosos exemplos, as conseqüências aqui na Terra. Mas ao lado destes há também o grande número no qual operou-se uma verdadeira metamorfose. Encontraram na crença espírita a força para vencer pendores desde há muito tempo enraizados, de romper com velhas atitudes, de ignorar os ressentimentos e as inimizades, de tornar menores as distâncias sociais. Exigem-se do Espiritismo milagres: eis os que ele pode produzir.

Assim, pela força mesma das coisas, o Espiritismo levará, por inevitável conseqüência, ao aprimoramento moral. Esse aprimoramento conduzirá à prática da caridade, e da caridade nascerá o sentimento da fraternidade. *Quando os homens estiverem imbuídos dessas idéias, conformarão a elas suas instituições* e será assim que realizarão, naturalmente e sem agitações, as reformas desejáveis. Essa será a base sobre a qual assentar-se-á o edifício social do futuro.

Essa transformação é inevitável, pois que está compreendida na lei do progresso. Todavia, se se deixar levar apenas pela marcha natural das coisas, sua realização poderá ser por muito tempo adiada. Se acreditarmos na revelação dos Espíritos, está

nos desígnios de Deus ativá-la e nós vivemos exatamente o tempo predito para isso. A concordância das comunicações a esse respeito é um fato digno de nota. Em toda parte diz-se que nos aproximamos da era nova e que notáveis realizações irão se efetivar. Seria, entretanto, um erro supor que o mundo está ameaçado por um cataclismo material. Examinando as palavras do Cristo, torna-se evidente que nesta, como em outras muitas circunstâncias, Ele falou de maneira alegórica. A renovação da humanidade, o reino do bem sucedendo ao reino do mal, são notáveis fatos que podem ter realização sem que haja necessidade de um naufrágio universal, da eclosão de fenômenos extraordinários, ou da derrogação das leis naturais. E é sempre nesse sentido que os Espíritos se têm exprimido.

Tendo a Terra alcançado o tempo marcado para se transformar em feliz morada, elevando-se assim na hierarquia dos mundos, basta a Deus não permitir aos Espíritos imperfeitos aqui se reencarnarem, dela afastando aqueles que, por orgulho, incredulidade, maus instintos, se possam tornar em um obstáculo ao progresso, perturbando a boa harmonia, como, aliás, procedeis vós mesmos, em uma assembléia em que necessitais ter paz e tranqüilidade e da qual afastais aqueles que a ela possam trazer a desordem, ou como se expulsam de um país os malfeitores, que são exilados em países longínquos. Isso porque nas raças, ou melhor – para nos servirmos das palavras do Cristo – nas gerações de Espíritos enviados em expiação à Terra, aqueles que se mantiverem incorrigíveis serão substituídos por uma geração de Espíritos mais adiantados e, para isso, bastará uma geração de homens e a vontade de Deus que pode, através de acontecimentos inesperados, embora naturais, apressar-lhes a partida da Terra. Se, pois, a maior parte das crianças que hoje nascem pertencem à nova geração de Espíritos melhores, se os demais, que partem a cada dia, não mais regressarão, disso resultará uma renovação completa. E o que será feito dos Espíritos exilados? Serão encaminhados para mundos inferiores, onde expiarão duras asperezas em longos séculos de provas difíceis, pois que também eles são anjos rebeldes que

desprezaram o poder de Deus e se revoltaram contra a lei que Cristo veio lhes recordar.¹⁵

Como quer que seja, nada se faz bruscamente na natureza. A velha levedura deixará ainda, durante algum tempo, traços que só de pouco em pouco se apagarão. Quando os Espíritos nos dizem – e isso eles o fazem por toda parte – que nos abeiramos desse momento, não creiais que seremos testemunhas de uma transformação exposta à vista. Querem demonstrar-nos que estamos no momento da transição, assistimos à partida dos velhos e à chegada dos novos, que virão fundar uma nova ordem de coisas, isto é, o reino da justiça e da caridade que é o verdadeiro reino de Deus, predito pelos profetas e do qual o Espiritismo vem preparar os caminhos.

Vede, senhores, *estamos já bem distantes das mesas girantes* e, entretanto, apenas alguns anos nos separam do berço do Espiritismo! Quem quer que tivesse sido bastante audacioso para predizer o que hoje se passa seria levado à conta de insensato aos olhos dos seus próprios correligionários. Observando a pequenina semente, quem poderia compreender, se dantes não tivesse assistido ao fenômeno, que dali sairia a árvore poderosa? Vendo a criança nascida no estábulo de uma pobre aldeia na Judéia, quem poderia supor que, sem o fausto e o poder material, sua voz singela abalaria o mundo, reforçada apenas por alguns pescadores ignorantes e tão pobres quanto ela mesma? Outro tanto ocorre com o Espiritismo que, saindo de um humilde e vulgar fenômeno, já aprofundou suas raízes em todas as direções, e cuja ramalhada bem cedo abrigará a Terra inteira. As coisas progridem celeremente quando Deus assim o quer. E considerando que nada ocorre fora de Sua vontade, quem não veria aí o dedo de Deus?

Assistindo à marcha irresistível das coisas, poderíeis dizer como outrora os Cruzados marchando para a conquista da Terra Santa: *Deus o quer!*, mas com a diferença que eles marchavam levando nas mãos ferro e fogo, enquanto que vós apenas tendes por arma a caridade que, ao invés de ocasionar ferimentos morais, derrama um bálsamo salutar sobre os corações doloridos. E, com essa arma pacífica, que cintila aos olhos como um raio

divino e não como o metal assassino, que semeia a esperança e não o temor, tereis, dentro de alguns anos, levado ao aprisco da fé mais ovelhas desgarradas do que o teriam podido fazer séculos de violência e de prepotência. É com a caridade por guia que o Espiritismo caminha para a conquista do mundo.

Será fantasioso e quimérico o quadro que esbocei diante de vós? Não! A razão, a lógica, a experiência, tudo diz que essa é uma realidade.

Espíritas, sois os pioneiros dessa grande obra. Tornai-vos dignos da gloriosa missão, cujos primeiros frutos já recolheis. Pregai por palavras, mas, sobretudo, pregai por exemplos. Comportai-vos de modo a que, em vos vendo, não possam dizer que as máximas que ensinais são palavras vãs em vossos lábios. A exemplo dos apóstolos, fazei milagres, pois para isso Deus concedeu-vos o dom! Não milagres que chocam os sentidos, porém milagres de caridade e de amor. Sede bons para com vossos irmãos, sede bons para com o mundo inteiro, sede bons para com vossos inimigos! A exemplo dos apóstolos, expulsai os demônios. Para isso tendes o poder, e eles pululam em torno de vós, os demônios do orgulho, da ambição, da inveja, do ciúme, da cupidez, da sensualidade, que alimentam todas as más paixões e semeiam por entre vós os pomos da discórdia. Expulsai-os de vossos corações, a fim de que tenhais a força necessária para expulsá-los dos corações alheios. Fazei esses milagres e Deus vos abençoará, as gerações futuras vos abençoarão como as de agora abençoam os primeiros cristãos, dentre os quais, muitos revivem entre vós para assistir e concorrer para o coroamento da obra do Cristo. Fazei esses milagres e vossos nomes serão inscritos gloriosamente nos anais do Espiritismo. Não empanai esse clarão por sentimentos e atos indignos do verdadeiro espírita, do espírita cristão. Libertai-vos, o quanto antes possível, de tudo quanto possa ainda restar em vós do velho levedo. Observai que de um momento para o outro, amanhã talvez, o anjo da morte pode vir bater à vossa porta e dizer: Deus vos chama para prestardes conta do que fizestes de sua palavra, da palavra de Seu Filho, que Ele fez repetir pelos bons Espíritos. Estai, pois, sempre prontos a partir e não façais como o viajor

imprudente que é surpreendido desprevenido. Fazei vossas provisões com antecipação, provisões de boas obras e de bons sentimentos, pois infeliz é aquele que o momento fatal surpreende com a ira, a inveja ou o ciúme no coração. Terão por escolta os maus Espíritos, jubilosos das desgraças que o esperam, uma vez que essas desgraças serão a sua obra. E vós sabeis, espíritas, quais são essas desgraças: os que as sofrem chegam até nós, eles próprios, para descrever seus sofrimentos. Àqueles, pelo contrário, que se apresentarem puros, os bons Espíritos virão estender a mão, dizendo-lhes: Irmãos, sede bem-vindos às celestes moradas onde vos esperam cantos de alegria.

Vossos adversários rir-se-ão de vossa crença nos Espíritos e em suas manifestações, mas não poderão rir das virtudes que resultam dessa crença. Não se rirão quando virem os inimigos perdoar-se ao invés de ferir-se, a paz renascer entre aqueles que se dividiram pela dissensão, o incrédulo de ontem concentrado hoje em prece fervorosa, o homem violento e colérico transformado em ser doce e pacífico, o debochado transfigurado no homem cumpridor de seus deveres e perfeito pai de família, o orgulhoso que se tornou humilde, o egoísta oferecendo provas do mais alto espírito de caridade. Não rirão quando constatarem que já não têm a temer a vingança de seus inimigos, transformados em espíritas. O rico não se rirá quando verificar que o pobre não inveja sua fortuna e o pobre, ao invés de alimentar sentimentos de ciúmes, abençoará o rico que se fez humano e generoso. Os chefes não rirão de seus subordinados e não os molestarão quando constatarem que se fizeram escrupulosos e conscienciosos na realização de seus deveres. Finalmente os patrões encorajarão seus servidores e subalternos quando os virem, sob o império da fé espírita, mais fiéis, mais devotados e mais sinceros. Eles verificarão que o Espiritismo é bom para tudo e para todos e não apenas para salvaguardar-lhes os interesses materiais. E tanto pior será para aqueles que não quiserem ver um pouco mais além. Sob o império dessa mesma fé, o militar será mais disciplinado, mais humano, mais fácil de ser conduzido. Terá sentimentos e obedecerá não pelo temor, mas pela razão. É o que constatarem os dirigentes imbuídos desses

princípios e eles são numerosos. E, por tal motivo, sinceramente desejam que nenhum entrave se oponha à propagação das idéias espíritas entre aqueles que se encontram sob sua direção.

Eis, senhores, que rides, o que produz o Espiritismo, essa utopia do século dezenove, parcialmente ainda, é verdade, mas cuja influência já se reconhece e cuja propagação em breve se compreenderá ser do maior benefício, em favor de todos. Sua influência é uma garantia de segurança para as *relações sociais*, pois que constitui o mais poderoso freio às más paixões, às efervescências desordenadas, mostrando o laço de amor e de fraternidade que deve unir o grande ao pequeno e o pequeno ao grande. Fazei, pois, que por vosso exemplo logo se possa dizer: Praza a Deus que todos os homens sejam espíritas de coração!

Caros irmãos espíritas, venho vos indicar o caminho, fazer-vos ver o objetivo. Possam minhas palavras, em sua impotência, ter-vos feito compreender a sua grandeza! Todavia outros virão, depois de mim, que vo-la mostrarão também, e cuja voz, mais poderosa do que a minha, terá para as nações o brilho vivaz da trombeta. Sim, meus irmãos, Espíritos mensageiros de Deus, encarregados de estabelecer o Seu reino na Terra, logo surgirão entre vós e os reconheceréis por sua sabedoria e a autoridade de sua linguagem. À sua voz, os incrédulos e os ímpios se encherão de espanto e de estupor e curvarão a cabeça, pois não ousarão chamá-los loucos. Eu não poderia, irmãos, revelar-vos tudo quanto vos prepara o futuro. Mas o tempo está próximo em que todos os mistérios serão revelados, para a confusão dos mentirosos e a glorificação dos bons.

Enquanto a oportunidade se apresenta, revesti-vos do manto branco, abafai as discórdias, pois que as discórdias pertencem ao reino do mal que vai ter fim. Seja-vos possível fundir-vos em uma única e mesma família e dar-vos mutuamente, do fundo do coração e sem pensamento premeditado, o nome de irmãos. Se entre vós há dissidências, causas de antagonismos, se os grupos que devem todos marchar para um objetivo comum estiverem divididos, eu o lamento, sem me preocupar com as causas, sem examinar quem cometeu os primeiros erros, e me coloco, sem hesitar, do lado daquele que tiver mais caridade, isto é, mais

abnegação e verdadeira humildade, pois aquele a quem falta a caridade está sempre errado, assistido embora por qualquer espécie de razão, pois Deus maldiz quem diz a seu irmão: *racca*.

Os grupos são indivíduos coletivos que devem viver em paz como os indivíduos, se realmente são espíritas. Eles são os batalhões da grande falange. Ora, o que será feito de uma falange cujos batalhões se dividirem? Aqueles que vêm o próximo com olhos ciumentos provam, só por isso, que estão sob uma má influência, pois que o Espírito do bem não pode produzir o mal. Vós o sabeis: a árvore reconhece-se pelos frutos. Ora, o fruto do orgulho, da inveja e do ciúme é um fruto envenenado que mata quem dele se nutre.

O que digo das dissidências entre grupos vale, igualmente, para as que possam haver entre os indivíduos. Em semelhante circunstância, a opinião das pessoas imparciais é sempre favorável àquele que dá provas de maior grandeza e de generosidade. Aqui na Terra, onde ninguém é infalível, a indulgência recíproca é uma consequência do princípio da caridade que nos leva a agir para com os outros como quereríamos que os outros agissem para conosco. Ora, sem indulgência não há caridade, sem caridade não há verdadeiro espírito. A moderação é um dos sinais característicos desse sentimento, como a acrimônia e o rancor são sinais da negação. Com acrimônia e espírito vingativo deterioram-se as mais dignas causas, mas com a moderação fortalecemo-las, se estamos de seu lado, ou delas passamos a participar, se não o fizemos ainda. Se, pois, eu tivesse de opinar em uma divergência, eu me preocuparia menos com as causas e mais com as consequências. As causas, em querelas ocasionadas sobretudo por palavras, podem ser o resultado de questões das quais nem sempre somos senhores; a conduta ulterior de dois adversários é o resultado da reflexão; eles agem de sangue frio e é então que o verdadeiro caráter de cada uma das partes se define. Uma cabeça ruim e um mau coração caminham muitas vezes juntos, porém rancor e bom coração são incompatíveis. Minha medida de apreciação seria, então, a caridade, isto é, eu observaria aquele que menos mal diz de seu adversário, aquele que é o mais moderado em suas

recriminações. É segundo esta medida que Deus nos julgará, pois que Ele será indulgente para quem tiver sido indulgente e será inflexível para quem tiver sido inflexível.

A rota traçada pela caridade é clara, infalível e sem equívocos. Poderíamos defini-la assim: “Sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse”. Tomando-a por guia, podemos estar certos de não nos afastar do caminho reto que conduz a Deus. Quem deseja, de maneira sincera e séria, trabalhar por sua própria melhoria, deve analisar a caridade em seus mínimos detalhes e por ela conformar sua conduta, pois ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, tanto às mais simples quanto às mais complexas. De cada vez que estivermos incertos quanto ao partido a tomar, no interesse alheio, basta que interroguemos a caridade e ela responderá, sempre, de maneira justa. Infelizmente escuta-se mais freqüentemente a voz do egoísmo.

Sondai, pois, os refolhos de vossa alma, para dela arrancardes os últimos vestígios das más paixões, se delas algo restar ainda. E se experimentais algum ressentimento contra alguém, cuidai de abafá-lo e dizei: “Irmão, esqueçamos o passado. Os maus Espíritos nos haviam separado, que os bons nos reúnam!” Se ele recusar a mão que lhe estendeis, oh!, então lamentai-o, pois Deus, por sua vez, lhe dirá: “Por que pedes perdão, tu que não perdoastes?”

Apressai-vos, pois, para que se não vos aplique esta frase fatal: É tarde demais!

Tais são, queridos irmãos espíritas, os conselhos que tenho a vos dar. A confiança que vindes em mim depositar é uma garantia de que eles trarão bons frutos. Os bons Espíritos, que vos assistem, dizem-vos a cada dia a mesma coisa, porém julguei um dever apresentar-vos essas advertências em um conjunto, de modo a que suas conseqüências melhor se destaquem. Venho, pois, em nome deles, lembrar-vos a prática da grande lei do amor e da fraternidade que deverá, em breve, reger o mundo e nele fazer reinar a paz e a concórdia, sob o estandarte da caridade

para com todos, sem exceções de seitas, de castas e nem de cores.

Com esse estandarte, o Espiritismo será o traço de união que reunirá os homens divididos pelas crenças e os prejuízos mundanos. Ele fará ruir a mais poderosa barreira que separa os povos: o antagonismo nacional. À sombra dessa bandeira, que será o seu ponto de reunião, os homens se habituarão a ver irmãos naqueles que viam como inimigos. Daqui até lá haverá muitas lutas, pois o mal não liberta facilmente sua presa e os interesses materiais são tenazes. Sem dúvida, não vereis com os olhos do corpo a realização dessa obra, para a qual concorreis, e isso embora esse momento não esteja remoto. Os anos iniciais do século próximo deverão prenunciar essa era nova que se prepara ao crepúsculo desta em que vivemos. Mas fruireis, com os olhos do Espírito, o bem que tiverdes feito, como os mártires do Cristianismo rejubilaram-se contemplando os frutos de seu sangue derramado. Coragem, pois, e perseverança. Não recueis ante os obstáculos. O campo não se torna fértil sem a dádiva do suor. Assim como o pai, mesmo no ocaso da vida, constrói o lar que irá abrigar seus filhos, crede que construís para as gerações futuras um templo à fraternidade universal e no qual as únicas vítimas imoladas serão o egoísmo, o orgulho e todas as más paixões que ensangüentaram a humanidade.

Instruções particulares dadas aos Grupos, em resposta a algumas das questões propostas.

I

Há um ponto sobre o qual creio ser um dever chamar toda a vossa atenção. Quero falar das surdas manobras dos adversários do Espiritismo, que, depois de tê-lo, inutilmente, atacado às abertas, procuram atingi-lo pelas costas. É uma tática contra a qual é preciso que estejais prevenidos.

Como sabeis, já se combateu o Espiritismo por todos os meios possíveis; atacaram-no em nome da razão, da ciência, da religião. Nada disso deu certo. Tentou-se cobri-lo do mais acintoso ridículo e o ridículo deslizou sobre ele como a água sobre o mármore. Não se obteve mais êxito com a ameaça e a perseguição; se elas encontraram frágeis caniços, depararam também com robustos carvalhos que não puderam dobrar. E não conseguiram, além disso, abalar nenhuma convicção. Deveríamos então supor que o inimigo já se rendeu? Não! Restam-lhe ainda dois recursos, os derradeiros, que, esperamos, não lhes resultará melhor, graças ao bom senso e à vigilância de todos os verdadeiros espíritas, que saberão se preservar dos inimigos internos como puderam rechaçar os externos.

Não tendo podido lançar o ridículo sobre o Espiritismo, *invulnerável sob a égide de sua sublime moral*, experimentam, desta vez, colocar os espíritas em ridículo, isto é, provocar atos ridículos da parte de certos espíritas ou pseudo-espíritas, responsabilizando a todos pelos atos desses poucos. O que desejam, sobretudo, é atribuir os vocábulos *espírita*, *Espiritismo* e *médium* aos charlatães, politiqueiros, necromantes e ledores da sorte, e não lhes será difícil encontrar comparsas complacentes que os ajudem, empregando sinais místicos ou cabalísticos para justificar o que ousaram afirmar em certos jornais: que os espíritas se entregam às práticas da magia e da feitiçaria, e que suas reuniões se constituem em renovadas cenas do sabá.¹⁶ À vista de um cartaz de saltimbancos, anunciando representações

de médiuns americanos ou de outras nacionalidades, como se anuncia o Hércules do Norte, eles esfregam as mãos excitados de alegria e correm a proclamar sobre os telhados que o respeitável Espiritismo está reduzido aos palcos das feiras.

Os verdadeiros Espíritas, obviamente, nunca lhes darão essa satisfação e as pessoas de sadio raciocínio saberão sempre estabelecer diferenças entre o sério e o burlesco; porém, de qualquer modo, é preciso que se esteja em guarda contra todas as provocações que podem favorecer a crítica. Em semelhante situação, é preciso evitar-se até mesmo as aparências. Um ponto final que dá um desmentido formal a essas alegações da maledicência, é o desinteresse. Que dizer de pessoas que tudo fazem sem esperar retribuição, apenas por devotamento? Como intitulá-los charlatães se eles nada exigem? Como alegar que vivem do Espiritismo, tal qual outras pessoas vivem dos seus negócios comuns? Que partido pessoal podem, pois, tirar da fraude se, pelo contrário, sua crença é um motivo para sacrifícios e abnegações, com absoluto desprezo e indiferença às honras e aos lucros?

Eu o repito: o desinteresse moral e material será sempre a resposta mais peremptória a ser dada aos detratores da doutrina. Eis por que eles ficariam encantados se pudessem subtrair-lhe esse prestígio por meio de todos os pretextos, chegando mesmo a pagar algumas pessoas para desempenharem a comédia. Agir de outra forma será, pois, fornecer-lhes as armas. Quereis a prova? Eis que lemos um artigo em o *Courrier de l'Est*, jornal publicado em Barle-Duc e que foi cuidadosamente transcrito pelo *Courrier de Lot*, editado em Cahors e outras várias publicações que, todas elas, desejam nos desafiar:

“... O Espiritismo tem por partidários três espécies bem distintas de indivíduos: os que dele vivem, os que com ele se divertem e os que nele crêm. Magistrados, médicos, pessoas de responsabilidade podem ser contados entre os seus adeptos e que, sendo embora, eles próprios inocentes, tornam-se extremamente úteis àqueles que dele vivem. Os médiuns constituem hoje em dia uma categoria de *industriais não registrados e que, nem por isso, deixam de fazer o seu*

comércio, um verdadeiro comércio, a respeito do qual pretendo falar-vos ...”

Segue um longo artigo condimentado de piadas pouco espirituosas, descrevendo uma sessão que o autor assistiu e na qual se encontra a passagem seguinte, relacionada a uma senhora que esperava receber uma comunicação de sua filha:

*“... E a mesa se dirigiu para a infeliz mãe que se torcia em espasmos nervosos. Quando se refez de sua emoção, ofereceram-lhe uma cópia da mensagem recebida: *Custo, vinte francos; e o preço não é excessivo, em se tratando das palavras de uma filha adorada.*”*

Se devemos crer no autor do artigo, a sessão não se desenvolveu de maneira a exigir muito respeito e recolhimento, pois ele acrescenta:

“O senhor que interrogava os Espíritos não me pareceu mais digno do que comportava a situação dos interlocutores: não emprestava às suas funções maior majestade do que se estivesse trinchando um pernil de carneiro na mesa de hóspedes de Batignolles.” ¹⁷

O mais constrangedor é que tenha podido dizer que viu estabelecer preços para as manifestações. Todavia o caso aqui é de lamentá-lo por julgar uma obra por sua paródia. Aliás, é isso que faz a maioria dos críticos, uma vez que afirmam: eu vi!

Esses abusos, como disse, são exceções, e raras exceções. Se as menciono com insistência, é porque são tais fatos que dão mais pretexto à maledicência, se é que já de per si não constituem obra de uma calculada maledicência. De resto, eles não poderiam se propagar em meio a uma imensa maioria constituída por pessoas respeitáveis e que compreendem a verdadeira missão do Espiritismo e as responsabilidades que ele impõe, bem como o caráter de grave dignidade que lhe é próprio. Para esses é, pois, um dever repelir qualquer solidariedade com os abusos que poderiam comprometê-lo e deixar bem claro que não se fariam campeões de tão tristes fatos, nem diante da justiça, nem diante da opinião pública.

Entretanto esse não é o único escolho que se nos revela à vista. Eu disse que os adversários têm uma outra tática para alcançar seus fins: consiste em procurar semear a desunião entre os adeptos, atizando o fogo de pequenas paixões, de ciúmes e rancores, fazendo nascer os cismas, suscitando causas de antagonismo e de rivalidade entre os grupos, a fim de levá-los a constituir diversos campos. E não creiais que são os inimigos declarados que desta forma agem! São os pseudo-amigos da doutrina e, freqüentemente, aqueles em aparência mais calorosos. Muitas vezes, espertamente, farão tirar as castanhas do fogo com a própria mão de amigos sinceros, porém fracos, que, sabidamente enganados, agirão de boa fé e sem desconfiança. Lembrai-vos de que a luta não está terminada e o inimigo se encontra ainda às vossas portas. Mantende-vos constantemente em guarda a fim de que ele não vos apanhe desprevenidos. Em caso de incerteza tendes um farol que não vos pode enganar: é a caridade, que nunca é equívoca. Considerai, pois, como sendo de origem suspeita todo conselho, toda insinuação que tender a semear entre vós germens de discórdias e a vos extraviar do caminho direito que vos ensina a caridade em tudo e por todos.

II

Não seria desejável que os espíritas tivessem uma senha, um sinal qualquer para se reconhecer quando se encontram?

Os espíritas não constituem nem uma sociedade secreta, nem uma afiliação. Eles não devem, pois, ter nenhum sinal secreto para mútua identificação. Eles nada ensinam e nada praticam que não possa ser conhecido por toda a gente e não têm, por conseqüência, nada a ocultar. Um sinal, uma senha, poderiam, ademais, ser também usados por falsos irmãos e o resultado é fácil de ser imaginado.

Vós tendes uma senha que é compreendida de um ao outro extremo do mundo: é a da *caridade*. Esta palavra é fácil de ser pronunciada e pode estar na boca de todos, mas a verdadeira caridade não pode ser falsificada. Na prática da caridade

reconhecereis sempre um irmão, ainda que ele não se diga espírita, e deveis estender-lhe a mão, pois, se ele não vos partilha a crença, nem por isso deixará de ser para convosco benevolente e tolerante.

Um sinal de reconhecimento é, ademais, de todo inútil hoje em dia, pois o Espiritismo já não se oculta. Para aquele que não tem a coragem de afirmar sua opinião, igualmente seria inútil, pois que dele não se serviria. Quanto aos demais, eles se fazem reconhecer falando em alto e bom tom, sem nenhum temor.

III

Algumas pessoas vêm no Espiritismo um perigo para as classes pouco esclarecidas que, sem poder compreendê-lo em sua pura essência, poderiam desnaturar-lhe o espírito e fazê-lo degenerar em superstição. Que responder-lhes?

Isso é passível de suceder com tudo quanto julgamos de maior utilidade e se fôssemos suprimir as coisas das quais pode-se fazer um mau uso, eu não sei bem o que restaria, a começar pela imprensa, com o auxílio da qual podem-se difundir doutrinas perniciosas, da leitura, da escrita, etc.. Aqui seria mesmo o caso de perguntarmos a Deus por que deu Ele língua a certas pessoas. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais sagradas. Se o Espiritismo tivesse emergido das classes menos esclarecidas, sem nenhuma dúvida a ele estariam enredadas muitas superstições; entretanto ele nasceu em meios esclarecidos e só depois de se ter aí depurado e elaborado foi que penetrou, nos dias que correm, nas camadas menos cultas da sociedade, aonde chegou desembaraçado, pela experiência e a observação, de todas as implicações espúrias. O que poderia se tornar realmente perigoso para o vulgo seria o charlatanismo. Assim sendo, nunca será demais combater, de modo constante e cuidadoso, a exploração, fonte inevitável de abusos, e isso por todos os meios lícitos ao nosso alcance.

Já não estamos mais no tempo dos párias, em que, relativamente ao esclarecimento, dizia-se: isto é bom para estes, isto para aqueles! A luz penetra sempre na oficina de

trabalho, mesmo sob a choupana, à medida que o sol da inteligência se ergue no horizonte e dardeja seus raios mais intensos. As idéias espíritas seguem esse movimento. Elas estão no ar e não é dado a ninguém contê-las. É necessário apenas dirigir-lhes o curso. *O ponto capital do Espiritismo é o lado moral.* Eis o que é preciso – mesmo à custa de todo e qualquer esforço – fazer compreensível e, note-se, que é assim que ele é visto, mesmo nas classes menos esclarecidas. Por esse motivo o seu efeito moralizador já é manifesto. Eis aqui um exemplo, entre muitos:

Em um grupo do qual eu fazia parte, durante minha permanência em Lyon, um homem, envergando roupas de trabalhador, ergueu-se no fundo da sala e disse:

“Senhor, há seis meses eu não acreditava nem em Deus, nem no diabo, nem que eu possuísse uma alma. Estava persuadido de que quando morremos tudo se acaba. Não temia a Deus, pois o negava; não temia as penas futuras, uma vez que, ao meu parecer, tudo findava com a vida. Será bom dizer que não orava, pois, desde a minha primeira comunhão, não voltara a pôr os pés numa igreja. Além disso eu era violento e arrebatado. Para resumir, eu não acreditava em nada, nem mesmo na justiça humana. Há seis meses assim era eu! Foi então que me aproximei do Espiritismo. Durante dois meses eu lutei. Entretanto eu lia, compreendia e não me podia furtar à evidência. Uma verdadeira revolução se operou em mim. Hoje já não sou o mesmo homem. Oro todos os dias e freqüento a igreja. Quanto ao meu caráter, perguntai aos meus amigos se eu mudei. Outrora irritava-me com tudo, um nada me exasperava! Hoje sou tranqüilo e feliz e bendigo a Deus por me haver enviado suas luzes.”

Compreendeis do que é capaz um homem que chega ao ponto de não crer nem ao menos na justiça humana? Seria possível negar-se o efeito salutar do Espiritismo sobre esta criatura? E há milhares como ele. Ainda que iletrado, nem por isto deixou de compreender: é que o Espiritismo não é uma teoria abstrata que se dirige apenas aos sábios. Ele fala ao coração e para falar a linguagem do coração não há necessidade de diplomas. Fazei-o

penetrar, por esse caminho, na mansarda e na choupana, e ele realizará milagres.

IV

Se o Espiritismo torna os homens melhores e conduz os descrentes à crença em Deus, na alma e na vida futura, ele só pode fazer o bem. Por que então ele tem inimigos e por que aqueles que tudo isso negam não se cansam de atacá-lo?

O Espiritismo tem inimigos, como toda e qualquer idéia nova os tem. Uma idéia que se estabelecesse sem oposição seria um fato miraculoso. E ainda há mais: quanto mais for falsa e absurda, menos encontrará adversários, enquanto que os terá em número tanto maior quanto mais ela for verdadeira, justa e útil. Esta é uma consequência natural do estado atual da humanidade. Toda idéia nova vem, necessariamente, suplantando uma idéia velha. Se ela é falsa, ridícula ou impraticável, ninguém lhe dá importância, pois que, intuitivamente, compreende-se que não tem vitalidade. Deixam-na morrer de morte natural. Se é justa e fecunda, ela atemoriza aqueles que, a qualquer título, por orgulho ou interesse material, estiverem interessados em manter a idéia antiga. Estes a combaterão e com tanto maior ardor quanto melhor perceberem o perigo que representa aos seus interesses. Examinai a história, a indústria, as ciências, as religiões e por toda parte encontrareis a aplicação desse princípio. Mas a história também vos dirá que contra a verdade ninguém e nada pode prevalecer. Ela se estabelece, queiram ou não, quando os homens já estão suficientemente maduros para aceitá-la. Torna-se necessário então que seus adversários se acomodem, pois isto é o único que lhes resta. E, coisa bizarra, muitas vezes eles se gabam de terem sido os primeiros a quem ocorreu a idéia até então combatida.

Pode-se, de modo geral, julgar a importância de uma idéia pela oposição que ela suscita. Supõe-se que, em chegando a um país desconhecido, tomais conhecimento de que o povo ali se prepara para repelir um inimigo que intenta invadir-lhe os limites territoriais. Ora, se aperceberdes que são enviados a essas

fronteiras apenas quatro soldados e um cabo, julgareis que o inimigo não é tão temível. Outra será, entretanto, a vossa reação se virdes ser mobilizado contra ele numerosos batalhões municiados com toda a artilharia de guerra. O mesmo se passa relativamente às idéias novas. Anunciai uma teoria francamente ridícula e irreal, envolvendo os interesses maiores da sociedade. Ninguém nem ao menos sonhará em combatê-la! Se essa concepção, pelo contrário, for fundamentada sobre a lógica e o bom senso, se recrutar entre seus adesos pessoas de inteligência, por ela realmente impressionadas, todos quantos vivem sob a velha ordem vigente dirigirá contra ela suas mais poderosas baterias. Tal é a história do Espiritismo. Os que o combatem com mais encarniçamento não o fazem, em realidade, porque ele constitui uma idéia falsa, pois – seria o caso de se perguntar – por que deixam passar tantas outras sem nenhum pronunciamento? É que o Espiritismo os inquieta e atemoriza. Ora, não se teme um mosquito, embora, muitas vezes, já se tenha visto um mosquito deitar por terra um leão.

Notai a sabedoria providencial em todas as coisas: Nunca uma idéia nova, de certa importância, se apresenta de súbito, com toda a sua força. Ela cresce e, de pouco em pouco, se infiltra nos hábitos. O mesmo ocorre ao Espiritismo, que podemos ter, sem presunção, como a idéia capital do século XIX. Mais tarde verificar-se-á se nos enganamos, a começar pelo inocente fenômeno das mesas girantes. Foram elas *uma criança* com a qual brincariam até mesmo os seus mais rudes adversários. E, valendo-se da diversão, ela penetrou por toda parte. Entretanto bem depressa cresceu. Hoje é adulta e ocupou o *seu lugar no mundo da filosofia*. Já não se brinca com ela, discutem-na e combatem-na. Se fosse uma mentira, uma utopia, não teria saído de suas fraldas.

V

Se a crítica não impediu o Espiritismo de caminhar, seu progresso não teria sido ainda mais rápido se ele se tivesse feito passar desapercibido?

Caminhar mais rapidamente do que o Espiritismo o fez seria muito difícil. Creio que, pelo contrário, o silêncio não o teria auxiliado a progredir mais nem melhor, pois que a crítica saiu a ruflar, em seu favor, os grandes tambores. Progredindo, apesar dos ataques, ele provou sua própria força, pois que caminhou apoiando-se em si mesmo. O soldado que alcança o cume do reduto através de uma chuva de projéteis não tem mais mérito do que aquele diante do qual o inimigo abrisse alas para deixá-lo passar? Com sua oposição os adversários do Espiritismo deram-lhe o prestígio da luta e da vitória.

VI

Há algo de mais pernicioso ao Espiritismo do que os ataques apaixonados dos seus adversários. É o que os pseudo-adeptos publicam em seu nome. Certas publicações são simplesmente lamentáveis, uma vez que oferecem da Doutrina Espírita uma idéia falsa e a expõem ao ridículo. É de se perguntar por que Deus permite essas coisas e não esclarece todos os homens da mesma forma. Haverá algum meio de se remediar esse inconveniente, que nos parece um dos maiores escolhos da doutrina?

Essa questão é grave e exige algumas explicações. Eu diria, de início, que não há uma única idéia nova, sobretudo quando ela se reveste de real importância, que não encontre obstáculos. O próprio Cristianismo foi ferido na pessoa de seu chefe fundador, taxado de impostor. E seus primeiros apóstolos, seus propagadores não depararam com detratores terríveis? Por que, então, o Espiritismo seria privilegiado?

Eu observaria, em seguida, que isso que vedes como um mal é, verdadeiramente, um bem. Para compreender esse fato é preciso olhar, não para o presente, mas para o futuro. A humanidade é afligida por muitos males que a corroem e que têm sua origem no orgulho e no egoísmo. Esperais curá-la instantaneamente? Crede que essas paixões, que soberanamente reinam sobre elas, se deixarão destronar facilmente? Não! Elas ocultam a cabeça para morder aqueles que a vêm perturbar em

sua tranqüilidade. Tal é, não duvideis, a causa de certas oposições. *A moral do Espiritismo não convém a toda gente.* Não ousando atacá-la, atacam a sua fonte.

O Espiritismo realizou, indubitavelmente, milagres de reforma moral, mas supor que essa transformação pode ser súbita e universal seria desconhecer a humanidade. Entre os próprios espíritas há aqueles que, como eu disse, só vêm do Espiritismo a superfície, que não compreendem o seu fim essencial. Seja por incapacidade de julgamento, seja por orgulho, dele aceitam apenas o que os lisonjeia e recusam o que os humilha. Não é, pois, de admirar que alguns espíritas o aceitem de modo esdrúxulo. Isso pode ser desconfortante no presente, porém digo que não terá maiores conseqüências no futuro.

Perguntais por que Deus não impede os erros. Perguntai-Lhe por que não criou os homens perfeitos, de imediato, ao invés de confiar-lhes o trabalho e o mérito de se aperfeiçoarem; por que não fez a criança já nascer adulta, dotada de raciocínio, esclarecida, ao invés de deixá-la adquirir a experiência pela vivência; por que a árvore só atinge o seu porte depois de longos anos de crescimento e o fruto só amadurece quando a estação propícia é chegada! Perguntai-Lhe por que o Cristianismo, que é Sua lei e Sua obra, sofreu tantas flutuações desde o seu nascimento; por que tem permitido que os homens se sirvam do Seu nome sagrado para cometer tantos abusos, tantos crimes e derramar tanto sangue! Nada se faz de um momento para o outro na Natureza; tudo caminha gradualmente, conforme as imutáveis leis do Criador, e essas leis conduzem sempre ao objetivo que Ele propôs.

Ora, a humanidade *na Terra* é ainda jovem, apesar da pretensão dos seus doutos. O Espiritismo, também ele, apenas acaba de nascer. Ele cresce depressa, como vedes, e desfruta de uma excelente saúde. Mas é preciso dar-lhe tempo para atingir a idade viril. Eu vos disse ainda que as afrontas que ele sofre, e que lamentais, têm seu lado bom. São os próprios Espíritos que nos vêm explicar essa questão. Eis uma passagem de certa comunicação obtida a tal respeito:

“Os espíritas esclarecidos devem se felicitar com o fato de as falsas e contraditórias idéias se revelarem neste período inicial, pois que são combatidas, arruinam-se e se esgotam no decorrer da infância do Espiritismo. Uma vez purgado de quanto haja de indesejável, ele cintilará com um brilho mais vivo e caminhará com um passo mais firme até que tenha alcançado o seu pleno desenvolvimento.”

A essa judiciosa apreciação, acrescento que é assim como uma criança que fica sujeita aos incidentes da infância até que tudo se equilibra. Mas para sopesar o efeito dessas dissidências, basta observar o quanto se passa. Em que se apóiam elas? Em opiniões individuais que podem reunir algumas pessoas, pois não há idéia, por mais absurda que seja, que não encontre participantes. Todavia julga-se de seu valor pela preponderância que ela adquire. Ora, onde vedes essas idéias de que falamos empolgando, ainda que em termos, as simpatias? Onde se constituem em escola, ameaçando, pelo número de aderentes, a bandeira que adotastes? Em parte alguma! Pelo contrário, as idéias divergentes assistem incessantemente à evasão dos seus participantes, que partem para aderir à unidade que se faz lei para a imensa maioria, se é que não o faz para a totalidade. De todos os sistemas que surgiram quando da origem das manifestações, quantos permanecem de pé? Entre esses sistemas um há que, em certa cidade, adquiriu, há alguns anos, grandes proporções. Mas contai seus aderentes nos dias que correm! Acreditais que se fosse verdadeiro não teria crescido e absorvido seus concorrentes? Em semelhante caso, a constatação por número é um índice que não nos pode enganar. Quanto a mim, eu vos declaro que, se a doutrina da qual me fiz propagador fosse repelida com unanimidade; se ao invés de crescer eu a tivesse visto declinar; se uma teoria mais racional houvesse conquistado maior número de simpatias, demonstrando, assim, de modo peremptório, o erro do Espiritismo, eu veria como uma orgulhosa puerilidade pôr-me à cabeça de uma idéia falsa, uma vez que, antes de tudo, a verdade não pode ser uma questão pessoal nem de amor-próprio. E eu seria o primeiro a dizer: “Irmãos, eis a luz, segui-a; ofereço-vos o meu próprio exemplo!”

De resto, o erro leva consigo, quase sempre, o seu remédio. E o seu reino, por outro lado, nunca é eterno. Cedo ou tarde, engeguecido por uns poucos sucessos efêmeros, faz-se vítima de uma espécie de vertigem e curva-se ante as aberrações que precipitam sua queda. Deplorais as excentricidades de certos escritos publicados sob a cobertura do Espiritismo. Pelo contrário, deveis abençoá-los, uma vez que é por esses excessos mesmo que o erro se perde. O que é que vos choca nesses escritos? O que é que vos ocasiona repulsa e, muitas vezes vos impede de lê-los até o fim? Exatamente o que fere, violentamente, o vosso bom senso! Se a falsidade das idéias não fosse bastante evidente, bastante chocante, talvez a elas mesmas vos deixaríeis prender, enquanto que os erros tão manifestos, ferindo-vos, constituíram-se em contravenenos.

Esses erros provêm quase sempre de Espíritos levianos, sistemáticos ou pseudo-sábios, que se comprazem vendo editadas suas fantasias e utopias e isso por homens que conseguiram enlear a ponto de fazê-los aceitar, de olhos fechados, tudo quanto lhes debitam, oferecendo alguns poucos grãos de boa qualidade em meio ao joio. Mas como esses Espíritos não possuem nem a verdadeira cultura, nem a verdadeira sabedoria, não conseguem manter por muito tempo o seu papel e a ignorância os trai. Deus permite que deixem escapar em suas comunicações erros tão grosseiros, coisas tão absurdas e mesmo tão ridículas, idéias nas quais as noções científicas mais vulgares são demonstradas com tamanha falsidade que, ao mesmo tempo, destroem o sistema e o livro que o contém.

Sem dúvida alguma seria preferível que só fossem publicados bons livros! Mas, embora tudo se passe de outra forma, é preciso que não temais, para o futuro, a influência dessas obras. Elas podem, momentaneamente, acender um fogo de palha, mas quando não se apóiam em uma lógica rigorosa, vede, ao fim de alguns anos – muitas vezes de alguns poucos meses –, a que se reduziram. Para tais casos as livrarias são um termômetro infalível.

Isso me leva a dizer algumas palavras sobre as comunicações mediúnicas.

A sua publicação tanto pode ser útil, se feita com discernimento, quanto perniciosa, em caso contrário. No número dessas comunicações algumas há que, por muito boas que sejam, não interessam senão àqueles que as recebem e que pareceriam, aos olhos dos leitores estrangeiros, simples banalidades. Outras apenas têm interesse nas circunstâncias em que são transmitidas. Sem o conhecimento dos fatos a que se relacionam, surgem insignificantes aos olhos do observador. Todo esse inconveniente estaria circunscrito apenas aos bolsos dos editores; todavia, ao lado disso, algumas há que são evidentemente nocivas, tanto por sua forma quanto por seu conteúdo e que, sob nomes respeitáveis, logicamente apócrifos, revelam um contexto absurdo ou trivial, o que, naturalmente, se presta ao ridículo e oferece armas à crítica. Tudo se torna ainda pior quando, sob o manto desses mesmos nomes, formulam-se sistemas excêntricos ou grosseiras heresias científicas. Não haveria nenhum inconveniente em publicar-se essas espécies de comunicações, se as fizessem acompanhar de comentários, seja para refutar os erros, seja para lembrar que constituem a expressão de uma opinião individual, da qual não se assume absolutamente a responsabilidade. Assim, talvez revelassem um lado instrutivo, pondo a descoberto a que aberrações de idéias podem se entregar certos Espíritos. Mas publicá-las pura e simplesmente, apresentá-las como expressão da verdade e garantir a autenticidade das assinaturas, que o bom senso não pode admitir, nisso está o inconveniente!

Uma vez que os Espíritos possuem livre arbítrio e uma opinião sobre os homens e as coisas, compreender-se-á que a prudência e a conveniência mandam afastar esses perigos. No interesse da doutrina convém, pois, fazer uma escolha muito severa em semelhantes casos e pôr de lado, com cuidado, tudo quanto pode, por uma causa qualquer, produzir uma má impressão. É assim que o médium, conformando-se a essa regra, poderá apresentar uma compilação instrutiva, capaz de atrair as atenções e ser lida com interesse; mas é também assim que,

publicando tudo quanto recebe, sem método e sem discernimento, será capaz de apresentar muitos volumes detestáveis, cujo inconveniente menor será o de não serem lidos.

É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e presteza, de toda obra realizada com critério, qualquer que seja o país de onde provém, mas que, igualmente, repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritas que, de coração, vigiam para que a doutrina não seja comprometida devem, pois, denunciá-las sem hesitação, tanto mais porque, se algumas delas são produtos de boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis por que, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que a Doutrina Espírita aceita daquilo que ela repudia.

VII

Considerando-se os sábios ensinamentos ministrados pelos Espíritos e o grande número de pessoas que são conduzidas a Deus por seus conselhos, como é possível acreditar que tudo isso seja obra do demônio?

O demônio, nesse caso, revela-se bem desastrado, pois que lhe seria muito mais fácil arrebatá-los aqueles que não crêem em Deus, nem na existência da alma, nem na vida futura e contra os quais poderia, conseqüentemente, fazer tudo quanto lhe ocorresse. Embora batizado, quem pode estar mais distante da igreja do que aquele que em nada acredita? O demônio não precisa, pois, lançar mão de nenhum expediente para atraí-lo e seria muito tolo se, com seus próprios recursos, o aproximasse de Deus, da prece e de todas as convicções que podem afastar alguém da prática do mal, e isso pelo simples prazer de recapturá-lo depois. Essa doutrina oferece uma triste idéia do diabo, representado sempre como tão hábil, e o torna, em verdade, bem pouco temível. O homem da fábula *O Pescador e o Peixinho* lembra-lhe o espírito. Que se diria se alguém que, tendo um pássaro preso em uma gaiola, o soltasse com a intenção de prendê-lo de novo?

Todavia temos uma argumentação ainda mais séria. Se apenas o demônio pode se manifestar, ele o faz com ou sem a permissão de Deus. Se o faz sem essa permissão, ele é mais poderoso do que Deus. Se tem a permissão, isto significa que Deus não é bom, uma vez que oferece ao Espírito do mal, com exclusão de todos os outros, o poder de seduzir os homens, sem conceder aos bons Espíritos virem combater sua má influência. Este não seria um ato nem de bondade nem de justiça. E a coisa se tornaria ainda pior se, de acordo com a opinião expressa por certas pessoas, a sorte dos homens estivesse irrevogavelmente fixada após a morte, pois, então, Deus precipitaria propositadamente e em conhecimento de causa suas criaturas nos tormentos eternos, fazendo com que se lhes preparassem armadilhas. Ora, Deus só pode ser concebido no infinito de seus atributos: restringir ou diminuir um único seria a Sua negação, uma vez que isso implicaria a possibilidade de ser mais perfeito. Essa doutrina, pois, refuta-se por si mesma. Por outro lado, encontra pouco crédito, mesmo entre os indiferentes, para merecer qualquer consideração. Bem cedo estará esquecida e aqueles que a preconizam abandoná-la-ão, espontaneamente, quando verificarem que ela lhes causa mais dano do que benefícios.

VIII

Que pensar da proibição imposta por Moisés aos hebreus, no sentido de não se evocarem as almas dos mortos? Que interpretação poderíamos tirar do fato relativamente às evocações atuais?

A primeira consequência a tirar-se dessa proibição é a de que é possível evocar as almas dos mortos e estabelecer relações com elas. A proibição de se fazer uma determinada coisa implica a possibilidade de fazê-la. Por exemplo, será necessário decretar-se uma lei proibindo a subida à lua?

É realmente curioso ver-se os inimigos do Espiritismo reivindicar ao passado o que julgam servir-lhes e repudiarem esse mesmo passado todas as vezes em que ele não lhes convém.

Se invocam a legislação de Moisés para esta circunstância, por que não reclamam a sua aplicação de modo integral? Duvido, entretanto, que algum entre eles esteja tentado a fazer reviver o código mosaico, sobretudo o penal, draconiano, tão pródigo em penas de morte. Dar-se-á então que, ao entender deles, Moisés procedeu corretamente em certas circunstâncias e erradamente em outras? Mas, nesse caso, por que estaria certo no que concerne às evocações? É que, dizem, Moisés fez leis apropriadas ao seu tempo e ao povo ignorante e indócil que conduzia. Mas essas leis, salutareis naquele tempo, já não se enquadram aos nossos costumes e à nossa cultura. Ora, é precisamente isso que dizemos em relação à proibição de evocar os espíritos. Entretanto o fato, em sua época, é justificável, como podemos verificar.

Os hebreus, no deserto, lamentavam vivamente a perda das doçuras do Egito e esta foi a causa das revoltas incessantes que Moisés, algumas vezes, não pôde reprimir senão pelo extermínio. Daí a excessiva severidade das leis. Em meio a esse estado de coisas, obstinava-se ele em fazer com que seu povo rompesse com os usos e costumes que lhe pudessem recordar o Egito. Ora, uma das práticas que os hebreus conservavam era a das evocações, em uso naquele país, desde tempos imemoriais. E isso não é tudo. Esse uso, que parecia ser bem compreendido e sabiamente praticado na intimidade de pequeno núcleo de iniciados nos mistérios, degenerara em abuso e superstição entre o povo, que nele via apenas uma arte de adivinhação, sem dúvida explorada pelos charlatães, como hoje em dia o fazem os ledores da sorte. O povo hebreu, ignorante e grosseiro, adquirira-o sob esse aspecto abusivo. Defendendo-o, Moisés realizou um ato de boa política e sabedoria. Hoje em dia as coisas já não são as mesmas e o que podia ser outrora um inconveniente já não o é no estado atual da sociedade. Todavia nós também nos levantamos contra o abuso que se poderia fazer das relações com o além-túmulo e afirmamos ser um sacrilégio, não o fato de estabelecerem-se relações com as almas dos que partiram, mas fazê-lo com levandade, de maneira irreverente, ou por especulação. Eis por que o verdadeiro Espiritismo repudia tudo

quanto pode roubar a essas relações o seu caráter grave e religioso, pois que esta seria a verdadeira profanação. Além disso, se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus, e não há mal em se fazer o que Deus permite. O mal, nesta como em outras coisas, está no abuso e no mau emprego.

IX

Como podemos explicar esta passagem do Evangelho: “Haverá falsos profetas e falsos Cristos que realizarão grandes prodígios e coisas espantosas para seduzir, se possível, os próprios eleitos”? Os detratores fazem dessa passagem uma arma contra os espíritas e os médiuns.

Se fôssemos recolher nos Evangelhos todas as passagens que se constituem em condenação para os adversários do Espiritismo, delas faríamos um volume. É, pois, quando menos, imprudente quem levanta uma questão que lhe pode cair sobre a cabeça, sobretudo quando todas as vantagens estão do lado do Espiritismo.

Para começar, nem os espíritas nem os médiuns se fazem passar por Cristos ou profetas. Declaram, pelo contrário, que não podem fazer milagres que impressionem os sentidos e que todos os fenômenos tangíveis que se produzem por sua influência são efeitos que entram nas leis da Natureza, e isso não tem caráter de milagre. Assim, pois, se quisessem tirar partido dos privilégios dos profetas, não poriam empenho em se privar do mais poderoso prestígio: o dom de fazer milagres. Oferecendo a explicação desses fenômenos, que sem isso poderiam passar por sobrenaturais aos olhos da multidão, cortam pela raiz a falsa ambição que, em seu proveito, poderiam explorar.

Supondo que um homem se atribui a qualidade de profeta, não será fazendo o que fazem os médiuns que dará prova do seu dom. E, nesse sentido, nenhum espírita esclarecido se deixará engodar. O médium Home, por exemplo, se fosse um charlatão e um ambicioso, poderia dar-se ares de enviado celeste. Qual é, afinal, a característica de um profeta: O verdadeiro profeta é um

enviado de Deus para advertir e esclarecer a humanidade. Ora, um enviado de Deus só pode ser um Espírito superior e, como homem, um homem de bem. Será reconhecido por seus atos, marcados pelo sinete da superioridade e pelas notáveis realizações que levará a cabo *pelo bem e para o bem*, e que revelarão sua missão, sobretudo às gerações futuras, pois que, conduzido muitas vezes inconscientemente por uma força superior, ele quase sempre desconhece-se a si mesmo. Não é ele, pois, que se atribui essa qualidade, são os homens que o reconhecerão como tal, as mais das vezes após a sua morte.

Se, pois, um homem quiser fazer-se passar pela encarnação de tal ou tal profeta, ele deverá dar a prova superlativa de suas qualidades morais, que não devem ser, em um mínimo, inferiores às daquele cujo nome se atribui. Ora, tal papel não é fácil de ser sustentado e, quase sempre, revela-se pouco aprazível, uma vez que pode impor penosas privações e duros sacrifícios, não raro o da própria vida. Há, neste mesmo momento, espalhados pelo mundo, vários pretensos Elias, Jeremias, Ezequiéis e outros que, entretanto, dificilmente se acomodariam à vida do deserto e julgam muito cômodo se manter às expensas de suas ingênuas vítimas, graças ao prestígio do nome emprestado. Há mesmo vários Cristos, como há vários Luís XVII, aos quais falta apenas isto: caridade, abnegação, humildade, superioridade moral, numa palavra, todas as virtudes do Cristo. Se, como Ele, não tivessem onde repousar a cabeça mas, como perspectiva, apenas uma cruz, bem depressa abdicariam de uma realeza tão pouco lucrativa neste mundo. Pela obra reconhece-se o obreiro. Aqueles que se querem colocar acima da humanidade devem disso se mostrar dignos, se não quiserem ter o destino do galo que se enfeitou com as penas do pavão, ou do asno que vestiu a pele do leão. Uma queda humilhante os espera neste mundo e um dissabor mais terrível no outro, pois é ali que o que se eleva será humilhado.

Supondo, entretanto, que um homem dotado de uma grande força mediúnica ou magnética queira se atribuir o título de profeta ou de Cristo e *que realize prodígios dignos de seduzir*

mesmo os eleitos, isto é, alguns homens bons e de boa-fé, ele terá a seu favor as aparências, mas terá também virtudes?

E as virtudes constituem a pedra de toque.

O Espiritismo também afirma: precavei-vos dos falsos profetas! E toma a si a tarefa de arrancar-lhes a máscara.

O Espiritismo repudia todas as mistificações e não cobre com o seu manto nenhum abuso que se cometa em seu nome.

X

Sobre a formação de grupos e sociedades espíritas.

Em várias localidades solicitei-me conselhos para a formação de grupos espíritas. Tenho pouco a dizer a esse respeito, além do que está contido, como instruções, em *O Livro dos Médiuns*. Acrescentarei apenas umas poucas palavras.

A primeira condição é, sem dúvida, constituir um núcleo de pessoas sérias, por mais restrito seja o seu número. Cinco ou seis pessoas, se são esclarecidas, sinceras, imbuídas pelas verdades da doutrina e unidas pela mesma intenção, valem cem vezes mais do que uma multidão de curiosos e indiferentes. Em seguida devem os seus membros fundadores estabelecer um regulamento que se tornará em lei para os novos aderentes.

Esse regulamento é muito simples e não comporta senão medidas de disciplina interior, pois que tão somente as sociedades numerosas e regularmente constituídas exigirão o estabelecimento de particularidades. Cada grupo pode, pois, redigir esse regulamento como desejar. Todavia, para garantir uniformidade e facilidade, ofereço, nas últimas páginas desta obra, um modelo que poderá ser modificado de acordo com as circunstâncias e as necessidades locais. Em todo o caso o objetivo essencial proposto deve ser o recolhimento, a manutenção da ordem mais perfeita e o afastamento de toda e qualquer pessoa que não estiver animada de intenções sérias e possa se transformar em motivo de perturbação. Eis a razão da severidade imposta aos novos elementos a serem admitidos. Não creiais que essa severidade possa ser nociva à propagação do Espiritismo. Bem pelo contrário! As reuniões sérias são aquelas

que fazem mais prosélitos. As reuniões frívolas e que não são conduzidas com ordem e dignidade, nas quais o primeiro curioso que aparece pode vir representar suas facécias, não inspiram nem atenção nem respeito e delas os incrédulos saem menos convencidos do que ao entrar. Estas reuniões fazem a alegria dos inimigos do Espiritismo, mas as outras se constituem no seu pesadelo e eu conheço gente que tudo daria para ver multiplicadas as primeiras com total desaparecimento das outras. Felizmente, é o contrário que ocorre. Urge considerar ainda que o desejo de ser admitido nas reuniões sérias aumenta em razão das dificuldades antepostas. Quanto à difusão doutrinária, ela se processa bem menos em razão da admissão de assistentes – que, via de regra, uma sessão ou duas não podem convencer – do que pelo estudo preliminar e pela conduta dos membros fora das reuniões.

Excluir as mulheres seria injuriar sua capacidade de julgamento que, verdade seja dita e sem intenção de lisonja, muitas vezes leva vantagem sobre a de muitos homens, entre os quais incluiríamos até mesmo certos críticos intelectualizados. A presença de senhoras exige uma observação mais rigorosa das leis da urbanidade e modifica uma certa displicência comum às reuniões compostas apenas de cavalheiros. Além disso, por que privá-las da influência moralizadora do Espiritismo? A mulher sinceramente espírita só poderá ser uma boa esposa, uma boa filha, uma boa mãe. Por força de sua própria posição ela tem, muitas vezes, mais necessidade do que qualquer outra pessoa, das sublimes consolações do Espiritismo, que a tornarão mais forte e mais resignada ante as provações da vida. Não se sabe, de resto, que os Espíritos só têm sexo para a encarnação? Se a igualdade dos direitos da mulher deve ser reconhecida, com maior razão deverá ser assegurada entre os espíritas, e a propagação do Espiritismo apressará, infalivelmente, a abolição dos privilégios que o homem a si mesmo concedeu pelo direito do mais forte. O advento do Espiritismo marcará a era da emancipação legal da mulher.

Tão pouco deveis recear a admissão dos jovens. A gravidade da assembléia espírita beneficiará o seu caráter. Eles se tornarão

mais sérios e, em propício momento, poderão haurir, no ensino dos bons Espíritos, a fé viva em Deus e no futuro, o sentimento dos deveres de família que os tornarão mais doces, mais respeitosos, e que tempera a efervescência das paixões.

Quanto às formalidades legais, não há, na França, nenhuma a regulamentar, desde que as reuniões não se realizem com mais de vinte pessoas. Além desse número, as reuniões regulares e periódicas devem ser autorizadas, e isso embora a tolerância – que não pode ser vista como um direito – que a maioria dos grupos espíritas goza em razão de seu caráter pacífico, exclusivamente moral e, sobretudo, tendo-se em vista que não constituem associações ou afiliações. Em qualquer circunstância, todavia, os espíritas devem ser os primeiros a dar exemplo de submissão às leis, isso no caso de ser necessária a sua aplicação.

Há algum tempo constituíram-se alguns grupos, de especial caráter, e cuja multiplicação entusiasticamente desejamos encorajar. São os denominados *grupos de ensino*. Neles ocupam-se pouco ou nada das manifestações. Toda a atenção se volta para a leitura e explicação de *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e artigos da *Revista Espírita*. Algumas pessoas devotadas reúnem com esse objetivo um certo número de ouvintes, suprimindo para eles as dificuldades da leitura ou do estudo isolado. Aplaudimos de todo o coração essa iniciativa que, esperamos, terá imitadores e não poderá, em se desenvolvendo, deixar de produzir os melhores resultados. Para essa atividade não se tem necessidade de ser orador ou professor; trata-se de uma leitura, como em família, seguida de explicações despretensiosas do ponto de vista da eloquência, mas que estejam ao alcance de toda a gente.

Sem fazer disso norma obrigatória, muitos grupos têm por hábito iniciar as sessões pela leitura de algumas passagens de *O Livro dos Espíritos* ou *O Livro dos Médiuns*. Seríamos felizes vendo essa prática adotada de modo geral, uma vez que o seu resultado é despertar as atenções para princípios que poderiam ser mal compreendidos ou passar despercebidos. Nesse caso é útil que os dirigentes, ou presidentes dos grupos, preparem

antecipadamente as passagens que deverão constituir o objeto de leitura, a fim de harmonizar essa escolha às circunstâncias.

Não deve causar estranheza ou incompreensão que eu indique essas obras como básicas para o estudo, uma vez que são as únicas em que a ciência espírita se encontra analisada em todas as suas partes e de maneira metódica. Todavia julgar-me-ia mal quem me supusesse exclusivo a ponto de recusar outras obras, entre as quais muitas merecem toda a simpatia dos bons espíritos. Em um estudo completo, ademais, é preciso examinar-se tudo, mesmo aquilo que é mau. Julgo também muito útil a leitura das críticas, para delas fazer ressaltar o vazio e a ausência de lógica; nelas nunca há uma única assertiva capaz de abalar a fé de um espírita sincero, pelo contrário, podem apenas fortalecê-la, pois que muitas vezes já a fizeram nascer no coração de incrédulos que se deram ao trabalho de compará-las. O mesmo se pode dizer de certas obras que, se bem que escritas com uma finalidade digna, nem por isso deixam de conter erros manifestos ou excentricidades que é sempre preciso pôr a descoberto.

Eis aqui um outro hábito, cuja adoção nos parece extremamente útil: é essencial que cada grupo recolha e passe a limpo as comunicações recebidas, a fim de, com facilidade, a elas recorrer em caso de necessidade. Os Espíritos que vêm seus ensinamentos relegados ao esquecimento bem cedo abandonam o grupo, fatigados. É também muito útil fazer-se, à parte, uma seleção especial, bem redigida e clara, das comunicações mais belas e instrutivas e reler algumas em cada sessão, a fim de que delas se tire proveito.

XI

Sobre o uso de práticas exteriores de cultos nos grupos.

Freqüentes vezes me tem sido indagado se é útil começar as sessões com preces e atos exteriores de culto religioso. A resposta não é apenas minha, mas também dos Espíritos que trataram desse assunto.

É, sem dúvida, não apenas útil, porém necessário rogar, através de uma invocação especial, por uma espécie de prece, o concurso dos bons Espíritos. Essa prática predispõe ao recolhimento, condição especial a toda reunião séria. O mesmo não se dá quanto às práticas exteriores de culto, através das quais certos grupos crêem dever abrir suas sessões e que têm mais de um inconveniente, apesar da boa intenção com que são sugeridas.

Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte, ele não deve adotar as formalidades de nenhum em particular. Seus inimigos já foram muito longe, tentando apresentá-lo como uma seita nova, buscando um pretexto para combatê-lo. É preciso, pois, não fortalecer essa opinião pelo emprego de rituais dos quais não deixariam de tirar partido, para dizer que as assembléias espíritas são reuniões de protestantes, de cismáticos, etc.. Seria uma leviandade supor que essas fórmulas são de natureza a acomodar certos antagonistas. O Espiritismo, chamando a si os homens de todas as crenças, para uni-los sob o manto da caridade e da fraternidade, habituando-os a se olharem como irmãos, qualquer que seja sua maneira de adorar a Deus, não deve melindrar as convicções de ninguém pelo emprego de sinais exteriores de qualquer culto.

São poucas as reuniões espíritas, por menores que sejam os grupos, que, sobretudo na França, não tenham membros ou assistentes pertencentes a diferentes religiões. Se o Espiritismo se colocasse abertamente na área de uma delas, afastaria as outras. Ora, como há espíritas em todas, assistiríamos à formação de grupos católicos, judeus ou protestantes, assim perpetuando o antagonismo religioso que é missão do Espiritismo abolir.

Essa é, também, uma das razões pelas quais deve-se abster, nas reuniões, de discutir dogmas particulares, o que, necessariamente, melindraria certas consciências. As questões morais, entretanto, são de todas as religiões e de todos os países. O Espiritismo é um terreno neutro sobre o qual todas as opiniões religiosas se podem encontrar e dar-se as mãos. Ora, a desunião

poderia nascer da controvérsia. Não esqueçais de que a desunião é um dos meios através dos quais os inimigos do Espiritismo buscam atacá-lo. É com esse fim que eles induzem certos grupos a se ocuparem de questões irritantes ou comprometedoras, sob o pretexto astucioso de que não se deve colocar a luz sob o alqueire. Não vos deixeis prender nessa armadilha! Sejam os dirigentes de grupos firmes na recusa de todas as sugestões desse gênero, se não quiserem passar por cúmplices dessas maquinações.

O emprego dos aparatos exteriores do culto teria idêntico resultado: uma cisão entre os adeptos. Uns terminariam por achar que não são devidamente empregados, outros, pelo contrário, que o são em excesso. Para evitar esse inconveniente, tão grave, aconselhamos a abstenção de qualquer prece litúrgica, sem exceção mesmo da Oração Dominical,¹⁸ por mais bela que seja. Como, para fazer parte de um grupo espírita, não se exige que ninguém abjure sua religião, permita-se que cada um faça a seu bel prazer e mentalmente, a prece que julgar a propósito. O importante é que não haja nada de ostensivo e, sobretudo, nada de oficial. O mesmo se pode dizer com relação ao sinal da cruz, ao hábito de se colocar de joelhos, etc.. Sem essa linha de conduta neutra não se poderia impedir, por exemplo, que um muçulmano, integrante de um grupo espírita, se prosterne e coloque a face contra a terra, recitando em voz alta sua fórmula sacramental: “Só há um Deus e Maomé é o seu profeta!”

O inconveniente não existe quando as preces, feitas em intenção de qualquer pessoa, são independentes de todo e qualquer culto particular. Dito tudo isso, creio supérfluo salientar o quanto haveria de ridículo em fazer-se toda uma assistência repetir em coro uma prece ou fórmula qualquer, como alguém me afirmou já ter visto ser praticado.

Deve ficar bem entendido que o que acaba de ser dito não se aplica senão aos grupos e sociedades constituídos de pessoas estranhas umas às outras, porém nunca às reuniões íntimas de família, nas quais, naturalmente, cada pessoa é livre de agir como bem entender, uma vez que, em tal ambiente, não se corre o risco de melindrar a ninguém.

Projeto de Regulamento para o uso de Grupos e pequenas Sociedades Espíritas

**Proposto pela Sociedade Central de Paris, tendo
em vista manter a unidade de princípios e de ação.**

Os abaixo assinados, tendo resolvido constituir um grupo ou sociedade espírita na cidade de ..., sob o título de grupo ou sociedade ..., combinaram as disposições seguintes, que deverão ser aceitas por toda pessoa que, ulteriormente, dela quiser fazer parte.

1. O objetivo da sociedade é o estudo da ciência espírita, principalmente no que diz respeito à sua aplicação à moral e ao conhecimento do mundo invisível. As questões políticas e de economia social ficam proibidas, bem assim as controvérsias religiosas.
2. A sociedade declara aderir aos princípios formulados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*.¹⁹

Ela se coloca sob a proteção do Espírito de ..., que escolhe como seu guia e presidente espiritual.

Ela toma por divisa:

Fora da caridade não há salvação.

Fora da caridade não há verdadeiro espírita.

3. a) O número de membros titulares da sociedade fica fixado em ... (ou é ilimitado).
- b) Para ser admitido como membro da sociedade o candidato precisa ter dado provas suficientes de conhecimento acerca do Espiritismo e de sua simpatia para com essa doutrina.
- c) A sociedade determinará a natureza e a extensão das provas e das garantias a serem oferecidas, bem assim a forma de apresentação e de admissão.
- d) Toda pessoa que preencha as condições exigidas pode ser admitida sem distinção de culto ou nacionalidade.

- e) A sociedade exclui quem quer que possa trazer elementos de perturbação ao seio das reuniões, por qualquer causa que seja, ocasionando assim perda de tempo em discussões inúteis.
 - f) Será redigida uma relação de todos os membros, com menção a seus endereços, profissão e data de admissão.
4. Todos os membros devem-se reciprocamente benevolência e cortesia: em todas as circunstâncias colocarão o interesse geral acima das questões de caráter pessoal ou de amor-próprio e agirão, uns para com os outros, segundo os princípios da caridade.
5. a) Quando o grupo for julgado muito numeroso ou as circunstâncias assim o tornarem, poderá fracionar-se em outros menores, conforme as necessidades locais.
- b) Os diversos grupos ou sociedades de uma mesma cidade, constituídos espontaneamente ou nascidos de um núcleo comum, gerindo-se pelos mesmos princípios e trabalhando para um mesmo fim, devem manter e alimentar laços de simpatia e fraternidade mutuamente e, em consequência disso, evitar todas as causas de divergência.

Nota: Em caso de dissidência, aquele que crer estar com a razão deverá prová-lo por um espírito de maior caridade e maior benevolência. O lado errado será, evidentemente, aquele que denegrir o outro e atirar-lhe a pedra.

6. a) A sociedade se reunirá das ... às ... horas. Será presidida por quem for designado e pelo tempo que estiver previsto.
- b) As sessões das ... serão reservadas apenas aos membros da sociedade, salvo exceção, se isso ocorrer.
- c) Às demais sessões poderão ser admitidos assistentes estranhos, se isso for julgado oportuno. A admissão de visitantes estará subordinada às condições que a sociedade fixará. Não obstante ela recusará de maneira

absoluta toda e qualquer pessoa que estiver sendo atraída por simples curiosidade e não tiver nenhuma noção prévia da Doutrina Espírita.

7. Os assistentes ou visitantes estranhos deverão ser apresentados por um dos membros do grupo, que por ele se responsabilizará. Toda e qualquer pessoa desconhecida que se recusar dar-se a conhecer deverá, rigorosamente, sofrer interdição.

As sessões nunca deverão ser públicas. Isto quer dizer que em nenhum caso as portas poderão estar abertas ao primeiro que apareça.

8. Tendo em vista que o Espiritismo visa a união fraternal de todas as seitas, sob a bandeira da verdade, e considerando que a sociedade admitirá membros ou assistentes sem distinção de crença, ficam proibidas, nas reuniões, fórmulas de preces ou sinais litúrgicos quaisquer, próprios a um culto especial, cabendo a cada pessoa fazer em particular aquilo que a consciência lhe prescrever.

Nota: Tudo nas sessões deve ser feito religiosamente, porém nada deverá dar-lhe o caráter de reuniões de seitas religiosas.

9. A ordem dos trabalhos, no decorrer das sessões, está fixada como se segue, salvo as modificações ditadas pelas circunstâncias.
10. Todas as comunicações recebidas na sociedade são de sua propriedade e ela pode delas dispor. Serão transcritas e conservadas para serem consultadas de acordo com as necessidades. Os médiuns, através dos quais tiverem sido transmitidas, poderão guardar delas uma cópia.

Será feita uma coleção especial das comunicações mais instrutivas, cuidadosamente copiadas em um livro particular, constituindo espécie de guia ou agenda moral da sociedade, e cuja leitura será feita de tempos em tempos.

11. O presidente interditará a leitura de toda comunicação que tratar de assuntos dos quais a sociedade não se ocupar.

12. a) O silêncio e o recolhimento devem ser observados durante as sessões. Ficam proibidas as discussões fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, feitas com a intenção de submeter os Espíritos à prova, bem assim aquelas que não tiverem um fim instrutivo.
b) Ficam igualmente proibidas as discussões que desbordarem os interesses da sociedade, bem como a apresentação de questões estranhas à sua finalidade.
c) As pessoas que desejarem tomar a palavra deverão fazê-lo dirigindo-se, antes, ao presidente.
13. A sociedade poderá, se julgar útil, consagrar sessões especiais destinadas à instrução de pessoas noviças ao Espiritismo, seja através de explicações verbais, seja pela leitura, regular e seguida, de uma seqüência de obras. Somente serão admitidas pessoas animadas do desejo sincero de se instruir e que, para essa finalidade, tenham feito sua inscrição. Estas sessões, ainda mais do que as outras, não serão abertas aos primeiros que chegarem nem a desconhecidos.
14. Toda publicação concernente ao Espiritismo, editada pela sociedade, será revista com o maior cuidado, no sentido de eliminar delas tudo quanto seja inútil e possa produzir mau resultado. Os membros se comprometerão a nada publicar sobre matéria doutrinária antes de terem merecido sua aquiescência.
15. A sociedade convida os médiuns que quiserem prestar-lhe o seu concurso a não se abespinharem com as observações e críticas que, eventualmente, forem levantadas em torno das comunicações por eles obtidas. Ela prefere passar sem aqueles que não transigem quanto à infalibilidade e à identidade absoluta dos Espíritos que por eles se manifestam.
16. A despesa havida com a sociedade, se houver, será coberta por uma cotização cuja cifra será estabelecida por ela mesma, bem como o emprego e o modo de pagamento. Nesse caso a sociedade nomeará um tesoureiro.

Fica expressamente estipulado que essa cotização não será paga senão pelos membros propriamente ditos da sociedade e que, em nenhum caso e sob nenhum pretexto, será solicitada ou exigida dos convidados e visitantes acidentais qualquer retribuição, nem mesmo como direito de entrada.

17. A sociedade poderá manter uma caixa de beneficência ou de socorro, valendo-se de cotizações ou de subscrições recolhidas de quem quer que deseje dela participar, seja ou não membro inscrito. O emprego dos fundos dessa caixa será controlado pelo comitê que dele prestará contas à sociedade.
18. Todo e qualquer membro que se revelar uma causa constante de perturbação e tender a semear a desunião entre os membros da sociedade, bem como aquele que notoriamente desmerecê-la e cuja conduta ou reputação puder prejudicar a consideração que a sociedade deve gozar, poderá ser oficiosamente convidado a pedir sua demissão. Em caso de recusa, a sociedade poderá se pronunciar através de um voto oficial.

FIM

Notas:

- ¹ *Médiuns filósofos e moralistas*: são aqueles cujas comunicações que recebem têm geralmente por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns, quanto à moral (*O Livro dos Médiuns*, q. 193).
- ² *Médiuns pintores ou desenhistas*: os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante (*Idem*, q. 190).
- ³ *Médiuns videntes*: os que, em estado de vigília, vêem os Espíritos. A visão accidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância especial, é muito freqüente; mas a visão habitual, ou facultativa, dos Espíritos, sem distinção, é excepcional (*idem*, q. 190).
- ⁴ *Médiuns escreventes ou psicógrafos*: os que têm a faculdade de escrever por si mesmos sob a influência dos Espíritos (*idem*, q. 191).
- ⁵ *Médiuns escreventes mecânicos*: aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que nenhuma consciência têm do que escrevem. Muito raros (*idem*, q. 191).
- ⁶ *Médiuns de efeitos físicos*: os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas: levitação e transporte de pessoas ou objetos, produção de ruídos ou sons musicais, materializações, escrita direta, etc. (*O Livro dos Médiuns*, qs. 187, 189).
- ⁷ *Médiuns de efeitos intelectuais*: os que são mais aptos a receber e transmitir comunicações através de fenômenos intelectuais: audiência, vidência, inspiração, pressentimentos, sonambulismo, etc. (*idem*, qs. 187, 190).
- ⁸ Região do sudeste da França, antiga província dos Estados sardos. Passou a pertencer à França dois anos antes da visita de Kardec, isto é, em 1860. Era dividida em dois departamentos:

a Sabóia propriamente dita, capital Chambéry, e Alta Sabóia, capital Annecy (N.T.).

- ⁹ *Sófocles* – célebre poeta trágico grego, nascido em Colona. Dele restam sete peças: *Antígona*, *Electra*, *as Trequinianas*, *o Rei Édipo*, *Ajax*, *Filoctetes* e *Édipo em Colona*, consideradas todas como obras-primas (497 ou 495-405 a.C.) (N.T.).
- ¹⁰ *Édipo* – é a *tragédia do reconhecimento* ou *anagnorisis*. É envolta em atmosfera de desesperadora fatalidade, constituindo-se em um caso a mais da justiça que castiga o pai no seio de sua família (N.T.).
- ¹¹ Em flagrante desrespeito aos ensinamentos de Kardec, a própria *Maison des Esprits*, de Paris, possui um guichê para venda de entradas, como aliás, a maioria das entidades espíritas da França. Eis por que a edição das obras de Kardec em geral, e desta *Voyage Spirite en 1862* em particular, passou a ser encargo da União Espírita Kardecista da Bélgica (N.T.).
- ¹² A palavra *caridade* tem conotação cediça, o que leva algumas áreas do pensamento moderno, de modo errôneo e infeliz, ser contra aquilo a que denominam “caridade cristã”. Referem-se, entretanto, à caridade no sentido de esmola e virtude teologal, confundindo as religiões ortodoxas com o Cristianismo. Kardec vai definir *caridade* como “sentimento de benevolência, de justiça e de indulgência relativamente ao próximo, baseado no que quereríamos que o próximo nos fizesse” (N.T.).
- ¹³ Quer nos parecer que Kardec refere-se à experiência de Robert Owen, célebre socialista utópico, nascido em 1771 e desencarnado em 1858. De 1800 a 1829 dirigiu uma grande fábrica em New Lanark, na Escócia. Reduziu a jornada de trabalho a dez horas e meia enquanto nas demais empresas era de treze e quatorze horas. Melhorou as condições de vida dos trabalhadores, fundou uma escola modelo para os filhos dos operários, organizou uma casa berçário e um jardim de infância. Em sua primeira obra, *Novos juízos sobre a sociedade, ou ensaios sobre a formação do caráter humano*,

Owen dá conta de sua experiência em New Lanark e dos princípios que regeram sua atividade. Suas idéias filantrópicas levaram-no ao socialismo. Isso resultou em uma reviravolta em sua vida. Convencido de que suas idéias eram justas, partiu para os Estados Unidos, onde fundou, em 1825, a comunidade denominada *New Harmony* (Nova Harmonia). Sofreu, porém, um fracasso e voltou à Grã-Bretanha em 1829, fundando a *Harmony Hall de Queenwood*, no Hampshire, em 1839. Owen acreditava que o caráter do homem é feito para ele e não por ele, como um produto do meio social e econômico. Essa doutrina, hoje vista como marxista, é, de fato, owenista. Considerava a história como idealista, vendo nela um progresso gradual do conhecimento humano. Sonhando com uma ordem social nova, na qual a comunidade seria a célula elementar, combatia a luta revolucionária. Em sua opinião a correção socialista das relações sociais não pode ser realizada por meio da violência. Owen converteu-se ao Espiritismo, fundando na Inglaterra o primeiro Centro Espírita daquele país. Seu filho, Robert Dale Owen, é célebre escritor espírita, autor de vários clássicos, entre os quais *Região em Litígio entre este Mundo e o Outro* (N.T.).

- ¹⁴ Chamamos em especial a atenção dos espíritas para esse tópico tão significativo, no qual Kardec distingue os “espíritas” dos “espíritas praticantes” (N.T.).
- ¹⁵ Ver a *Revista Espírita*, janeiro de 1862, “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos Anjos caídos”.
- ¹⁶ *Sabá* – do hebreu *schabbat*; descanso religioso que, segundo a lei de Moisés, deviam os judeus observar no sétimo dia da semana, consagrado a Deus. A superstição, durante a Idade Média, degenerou essa festa em assembléia noturna de bruxos e bruxas, reunidos sob a presidência de Satanás, no sábado, à meia-noite (N.T.).
- ¹⁷ *Batignolles* – subúrbio de Paris que, ao tempo de Kardec, ainda era rico de vinhedos e de caça. A expressão prende-se às estalagens existentes entre postas de muda (N.T.).

-
- ¹⁸ O critério de Kardec faz recordar publicações feitas após o último Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Copenhague, no qual representantes do Oriente indagavam por que se faziam menções tão constantes ao Cristo, relegando ao esquecimento as figuras de seus líderes religiosos, tais como Buda, Maomé, etc. (N.T.).
- ¹⁹ Note-se que *Viagem Espírita em 1862* foi originariamente editada antes da publicação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Daí a sua não citação ao longo da presente obra (N.T.).